

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA**

**ANGELA NENÉ DOS SANTOS**

**NÃO AO *BULLYING* X SIM AS DIFERENÇAS: EM DEBATE O PROJETO DE INTERVENÇÃO DESENVOLVIDO COM CRIANÇAS E ADOLESCENTES DO CENTRO DE FORMAÇÃO TERESA VERZERI**

**São Borja  
2019**

**ANGELA NENÊ DOS SANTOS**

**NÃO AO *BULLYING* X SIM AS DIFERENÇAS: EM DEBATE O PROJETO DE INTERVENÇÃO DESENVOLVIDO COM CRIANÇAS E ADOLESCENTES DO CENTRO DE FORMAÇÃO TERESA VERZERI**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Serviço Social da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharela em Serviço Social.

Orientadora: Prof. Dra. Jaina Raqueli Pedersen

**São Borja  
2019**

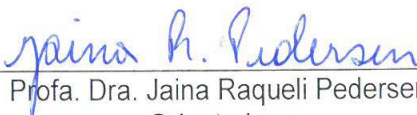
Angela Nenê dos Santos

**NÃO AO BULLYING X SIM AS DIFERENÇAS: EM DEBATE O PROJETO DE INTERVENÇÃO DESENVOLVIDO COM CRIANÇAS E ADOLESCENTES DO CENTRO DE FORMAÇÃO TERESA VERZERI**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Serviço Social da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharela em Serviço Social.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 05 de julho de 2019.

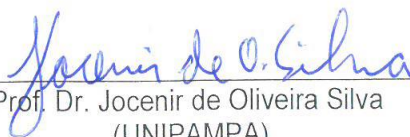
Banca examinadora:



\_\_\_\_\_  
Prof. Dra. Jaina Raqueli Pedersen  
Orientadora  
(UNIPAMPA)



\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Jorge Alexandre da Silva  
(UNIPAMPA)



\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Jocenir de Oliveira Silva  
(UNIPAMPA)

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, por ser essencial em minha vida, ao meu pai, minha mãe, meu namorado e aos meus irmãos que são ao meu porto seguro. E a professora Jaina pela paciência nas orientações que foram essenciais na conclusão deste trabalho.

## AGRADECIMENTO

Primeiramente a Deus que permitiu que tudo isso acontecesse, ao longo da minha vida, e não somente nestes anos como universitária, mas que em todos os momentos é o maior mestre que alguém pode conhecer.

Agradeço a minha mãe Januaria, que me deu apoio, incentivo nas horas mais difíceis, de desânimo e cansaço.

Ao meu pai Enir que apesar de todas as dificuldades me fortaleceu e que para mim foi muito importante.

Ao meu namorado Claudio que sempre me deu força e apoio quando mais precisei e que sempre me fez entender que o futuro é feito a partir da constante dedicação no presente.

E aos meus irmãos José Antônio, Vinetom e Lizete e sobrinhos Fernanda, Joel, Ariel e Jucielly, obrigada por me ajudarem e me apoiarem nos momentos da minha vida dedicada ao estudo superior.

Meus agradecimentos aos meus amigos, companheiros de trabalhos e irmãos na amizade que fizeram parte da minha formação e que vão continuar presentes em minha vida com certeza, e principalmente a Lore pela ajuda desde o começo da faculdade.

E a minha orientadora Jaina, pelo suporte, pelas correções, orientações e incentivos, agradeço de coração por toda a ajuda.

Agradeço a todos os professores por me proporcionar o conhecimento da educação no processo de formação profissional, por se dedicaram a mim, não somente por terem me ensinado, mas por terem me feito aprender. A palavra mestre, nunca fará justiça aos professores dedicados aos quais sem nominar terão os meus eternos agradecimentos, mas principalmente a minha banca que permaneceram comigo até o final.

A todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, do fundo do meu coração o meu muito obrigado.

## RESUMO

O Trabalho de Conclusão de Curso caracteriza-se como um Relatório Teórico-Prático que tem como tema o *Bullying* contra crianças e adolescentes. A escolha do tema justifica-se pelo processo de estágio desenvolvido no Centro de Formação Teresa Verzeri durante o período compreendido entre 2017/2018, o qual possibilitou o desenvolvimento do projeto de intervenção Não ao *Bullying* X Sim as diferenças. O problema que norteia a reflexão deste trabalho traduz-se pelo questionamento: Quais as consequências que o *bullying* desenvolve na vida da criança e do/a adolescente que vivenciaram este tipo de violência? Quanto ao objetivo geral o trabalho visa refletir sobre o *bullying* e as suas consequências na vida da criança e do/a adolescente, com vistas a ampliar o entendimento sobre esse tipo de violência. Sobre os objetivos específicos, estes visam: contextualizar as diferentes formas de manifestação da violência contra crianças e adolescentes; problematizar o *bullying* enquanto forma de violência contra crianças e adolescentes; apresentar os resultados obtidos a partir do desenvolvimento do projeto de intervenção “Não ao *Bullying* X Sim as diferenças”. O trabalho buscou nos documentos de estágio informações para a reflexão teórico-prática, também resulta de pesquisa bibliográfica, considerando as bibliografias que problematizam, especialmente, as consequências do bullying para crianças e adolescentes. A abordagem do estudo é qualitativa e o método utilizado para análise da realidade é o dialético crítico. O resultado mais relevante do projeto de intervenção foi proporcionar um espaço de reflexão crítica sobre o *bullying* e as suas múltiplas manifestações, com vistas a fortalecer o público alvo para a identificação e rompimento com as situações de violência. Pois as consequências dependem muito de cada criança ou adolescente, e da sua estrutura, de vivências, da forma e da intensidade das agressões. No entanto, todas as vítimas, que sofrem com os ataques de *bullying*, podem sofrer com problemas mais comuns ou até mesmo graves e abrangentes que acabam afetando o âmbito da saúde física e emocional das crianças e adolescentes.

Palavras-chave: *Bullying*, violência, crianças e adolescentes.

## **ABSTRACT**

The Course Conclusion Paper is characterized as a Theoretical-Practical Report that focuses on Bullying against children and adolescents. The choice of theme is justified by the traineeship process developed at the Teresa Verzeri Training Center during the period between 2017/2018, which enabled the development of the intervention project No to Bullying X Yes the differences. The problem that leads to the reflection of this work is translated by the questioning: What are the consequences of bullying in the life of the child and the teenager who have experienced this kind of violence? As for the general objective, the work aims to reflect on bullying and its consequences in the life of the child and the adolescent, with a view to broadening the understanding about this type of violence. The specific objectives are: to contextualize the different manifestations of violence against children and adolescents; problematizing bullying as a form of violence against children and adolescents; present the results obtained from the development of the intervention project "No to Bullying X Yes the differences". The work sought in the documents of the stage information for the theoretical-practical reflection, also results of bibliographical research, considering the bibliographies that problematize, especially, the consequences of bullying for children and adolescents. The study approach is qualitative and the method used for the analysis of reality is the critical dialectic. The most relevant result of the intervention project was to provide a space for critical reflection on bullying and its multiple manifestations, with a view to strengthening the target audience to identify and break with situations of violence. For the consequences depend very much on each child or adolescent, and its structure, experiences, form and intensity of aggression. However, all victims who suffer from bullying attacks may suffer from more common or even serious and comprehensive problems that end up affecting the physical and emotional health of children and adolescents.

Keywords: Bullying, violence, children and adolescents.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Principais agressões sofridas pelas vítimas de <i>bullying</i> de acordo com Disque 100 .....	18
Figura 02 – Imagem sobre <i>bullying</i> nos diferentes lugares .....	47



## LISTA DE TABELAS

Tabela 01 – Quantidade de denúncias de violências contra crianças e adolescentes no ano de 2017.....	26
Tabela 02 – Comparativo de denúncias contra crianças e adolescentes entre 2016 e 2017 .....	27
Tabela 03 – Atividades desenvolvidas no CFTV .....	45
Tabela 04 – Questionário aplicados aos alunos que participaram do projeto “Não ao Bullying X Sim as Diferenças .....	52

## LISTA DE MAPAS

Mapa 01 – Violência contra menores no ano de 2018 .....	28
---	----

## LISTA DE SIGLAS

ABRAPIA - Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção a Infância e a Adolescência.

CFTV - Centro de Formação Teresa Verzeri.

EBC - Empresa Brasil de Comunicação.

ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente.

FAFEM - Faculdade da Função de Ensino de Mococa.

GESTA - Galeria de Estudos e Avaliação de Iniciativas Públicas.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

IDBE – Índice Desenvolvimento da Educação Básica.

PAIF - Proteção e Atendimento Integral à Família.

UNICEF - Fundo das Nações Unidas para a Infância, em inglês "United Nations Children's Fund" e é uma agência das Nações Unidas.

UNIPAMPA - Universidade Federal do Pampa.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>13</b>
<b>2. VIOLÊNCIA CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES .....</b>	<b>17</b>
<b>2.1 As diversas formas de violência contra crianças e adolescentes .....</b>	<b>17</b>
<b>2.2 BULLYING: aspectos conceituais, históricos e legais.....</b>	<b>29</b>
<b>3. CONSEQUÊNCIAS DO BULLYING NA VIDA DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES.....</b>	<b>35</b>
<b>3.1 As principais consequências do bullying e a evasão escolar como uma forma desta violência.....</b>	<b>37</b>
<b>4. O DEBATE SOBRE O BULLYING COM AS TURMAS QUERO-QUERO E ÁGUIAS DO CENTRO DE FORMAÇÃO TERESA VERZERI .....</b>	<b>41</b>
<b>4.1 O Centro de Formação Teresa Verzeri e a Proteção Social Básica da Política de Assistência Social.....</b>	<b>41</b>
<b>4.2 Projeto de intervenção: Não ao Bullying X Sim as diferenças!.....</b>	<b>45</b>
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>62</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>64</b>

## 1. INTRODUÇÃO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso II tem como tema o *bullying* contra crianças e adolescentes. A escolha do tema justifica-se pela experiência de estágio que foi realizado no Centro de Formação Teresa Verzeri, no período de 2017/2018. Com o passar do tempo foi notado que principalmente com crianças e adolescentes ocorrem diversas formas de preconceito, o principal o *bullying*, pois eles/as não aceitavam que uns podem ser diferentes dos outros/as, e com isso foi criado o projeto de intervenção “Não ao Bullying X Sim as Diferenças” com o propósito de proporcionar as crianças e adolescentes espaços de reflexão crítica sobre o *bullying*, a violência e as suas múltiplas manifestações, com vistas a fortalecer essa população para a identificação e rompimento com a violência e preconceitos incentivando o respeito ao outro, como é colocado no Código de Ética do/a Assistente Social Lei 8662/93 no princípio XI que traz:

Empenho na eliminação de todas as formas de preconceito, incentivando o respeito à diversidade, à participação de grupos socialmente discriminados e à discussão das diferenças (CFESS, 1993, p. 23).

Desse modo, o trabalho caracteriza-se por ser um Relatório Teórico-Prático. Nesta perspectiva o problema que norteia a reflexão deste trabalho, traduz-se pelo questionamento: Quais as consequências que o *bullying* desenvolve na vida da criança e do/a adolescente que vivenciaram este tipo de violência? Quanto ao objetivo geral o trabalho visa refletir sobre o *bullying* e as suas consequências na vida da criança e do/a adolescente, com vistas a ampliar o entendimento sobre esse tipo de violência. Sobre os objetivos específicos, estes visam: contextualizar as diferentes formas de manifestação da violência contra crianças e adolescentes; problematizar o *bullying* enquanto forma de violência contra crianças e adolescentes; apresentar os resultados obtidos a partir do desenvolvimento do projeto de intervenção “Não ao *Bullying* X Sim as diferenças”.

A relevância social e profissional do Trabalho de Conclusão de Curso é identificar o *bullying*, a violência e suas diversas consequências na vida de crianças e adolescente, possibilitando o entendimento e o enfrentamento das relações de violência sofrida por eles/as e assim possibilitando o esclarecimento de todas as

formas de violência para que as crianças e adolescentes possam entender que podem denunciar.

Com isso torna-se de suma importância para a categoria profissional, pois a partir dos subsídios adensados, poder-se-á buscar mecanismos para o enfrentamento com o *bullying* nas instituições em que o mesmo ocorre. Além disso, a importância social diz respeito à problematização da fragilização dos direitos sociais de crianças e adolescentes nas sociedades e instituições que estão inseridas, buscando a conscientização sobre a necessidade de estratégias para a garantia dos direitos sociais de crianças e adolescentes.

Para a construção deste trabalho utilizou-se de uma metodologia, a qual evidencia o percurso realizado para o desenvolvimento do estudo. Neste caso, considerando os elementos constitutivos da metodologia, destaca-se inicialmente o método empregado, ou seja, o método dialético-crítico ou método materialista histórico dialético. Para Turck (2012), o método permite identificar a partir das mediações o concreto e apreender a sua particularidade histórico-social, identificando determinações, conexões e a complexidade das expressões da questão social. De acordo com Gil (2007, p. 14) “a dialética fornece as bases para uma interpretação dinâmica e totalizante da realidade, já que estabelece que os fatos sociais não possam ser considerados isoladamente, abstraídos de suas influências políticas, econômicas, culturais, etc”.

E o sobre o método materialista histórico dialético o materialismo designa um conjunto de doutrinas filosóficas que, ao rejeitar a existência de um princípio espiritual liga toda a realidade à matéria e a suas modificações. O materialismo histórico é uma tese do marxismo, segundo a qual o modo de produção da vida material condiciona o conjunto da vida social, política e espiritual. É um método de compreensão e abordagem metodológica ao estudo da sociedade, com análise da história, das lutas e das evoluções econômicas e políticas (SILVA, 2008).

Segundo Turck (2012) o Método dialético-crítico é o modo de pensar as contradições da realidade, é o modo de compreender a realidade como essencialmente contraditória, em permanente transformação. Dentro do método dialético crítico encontram-se como principais categorias a historicidade, totalidade, contradição e mediação. A categoria historicidade:

Serve para significar a dinâmica humana de apreensão e transformação de valores, crenças, perspectivas, costumes e instituições. Isto significa que nenhuma forma de compreender o mundo é estática, ou seja, não nasce com a gente nem tampouco é determinada de uma vez para sempre (TURCK, 2012, p. 26).

Na intervenção profissional, a categoria historicidade possibilita o profissional compreender os fatos e seu movimento permanente de superações. Já a categoria totalidade

É um todo coerente em que cada elemento está de uma maneira ou de outra, em relação com cada elemento e, de outro lado, que essas relações formam, na própria realidade objetiva, correlações concretas, conjuntos, unidades, ligados entre si de maneiras completamente diversas, mas sempre determinadas (TURCK, 2012, p. 27).

Na intervenção profissional, a categoria totalidade permite a apropriação do cotidiano a partir da compreensão histórica, econômica e política como constituintes da construção da sociedade capitalista. Já a categoria contradição segundo Turck (2012, p. 27) “pode assumir várias acepções, fato esse que, muito frequentemente, é fonte de grandes mal-entendidos, um deles são as idealizações que usam o guia metodológico contradizer para melhor descrever”. Na intervenção profissional, a categoria contradição provoca o movimento de transformação instigando a partir da luta dos contrários, os processos de mudanças, devirem na realidade dos sujeitos.

Já a categoria mediação é ponderada por Turck (2012, p. 28) como um “caminho de apreensão do real através de sucessivas aproximações, e mais do que um processo reflexivo ela consiste também e necessariamente, num processo prático-concreto. Na intervenção profissional”. A mediação possibilita a construção e reconstrução do objeto de intervenção profissional na busca de uma prática transformadora, possibilitando ao profissional uma atuação de forma crítica.

Para a coleta de dados foram realizadas pesquisa bibliográfica e documental. Nesse sentido, foram utilizadas bibliografias disponíveis na biblioteca da UNIPAMPA e na internet, bem como os documentos do Estágio I e II realizado no Centro de Formação Teresa Verzeri, com os diários de campo, análise institucional, o projeto de intervenção e o relatório final de estágio.

Os dados foram analisados a partir da técnica de análise de conteúdo, que de acordo com Bardin (1979, apud RICHARDSON, 2008, p. 230) “organiza-se

cronologicamente em: a pré-análise, a análise do material, o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação”. A análise de conteúdo nada mais é do que “organizar e resumir os dados de forma tal que possibilitem o fornecimento de respostas ao problema proposto na investigação” (GIL, 2007, p. 168).

A organização do trabalho de conclusão de curso II foi organizada em quatro capítulos, no primeiro capítulo contém a introdução do trabalho, no capítulo dois vem explicando a violência contra crianças e adolescentes, com dois subtítulos o que explica as diversas formas de violência contra crianças e adolescentes, e o que traz o *bullying*, seus históricos e legais. No capítulo três vem uma breve explicação das consequências do *bullying* na vida de crianças e adolescentes; perfil das vítimas e dos agressores, com um subtítulo trazendo algumas considerações sobre as principais consequências do *bullying* e a evasão escolar como consequência desta forma de violência. E no capítulo quatro vem um breve relato do debate sobre o *bullying* com as turmas Quero-quero e Águias do Centro de Formação Teresa Verzeri, com dois subtítulos o primeiro com uma breve contextualização da instituição Centro de Formação Teresa Verzeri e a Proteção Social Básica da Política de Assistência Social, e o segundo com uma breve contextualização do Projeto de intervenção: “Não ao Bullying X Sim as diferenças”, trazendo dados do relatório final de estagio supervisionado I e II. E, por fim, as considerações finais do trabalho de conclusão final de curso.



## **2. VIOLÊNCIA CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES**

A violência assume na sociedade capitalista contemporânea o status de uma das expressões decorrentes das relações sociais que nela se concretizam e se manifestam em vários espaços (SCHMIDT, 2007). A violência está presente em nosso cotidiano, ouvimos todos os dias falar nos jornais, nos meios de comunicação, nos estádios de futebol, no trânsito, nas famílias. E também podemos considerar violência à exclusão social, o preconceito a violência doméstica, entre outros tipos de violência. A violência é crescente em todas as idades, mas a infância e adolescência precisam de mais atenção.

Cotidianamente, diferentes segmentos da sociedade são vítimas das mais variadas formas de violência. O preconceito, as agressões físicas e verbais, o *bullying*, a homofobia e a violência contra a mulher, são alguns exemplos dessas situações. Elas acontecem quando alguém ou um grupo de pessoas utiliza intencionalmente a força física ou o poder para ameaçar, agredir e submeter outras pessoas, privando as de liberdade, causando algum dano psicológico, emocional, deficiência de desenvolvimento, lesão física ou até a morte. Na sequência serão apresentadas e problematizadas as mais variadas formas de manifestação da violência que vitimam crianças e adolescentes, destacando-se conceitos e outras características que auxiliam na compreensão das mesmas.

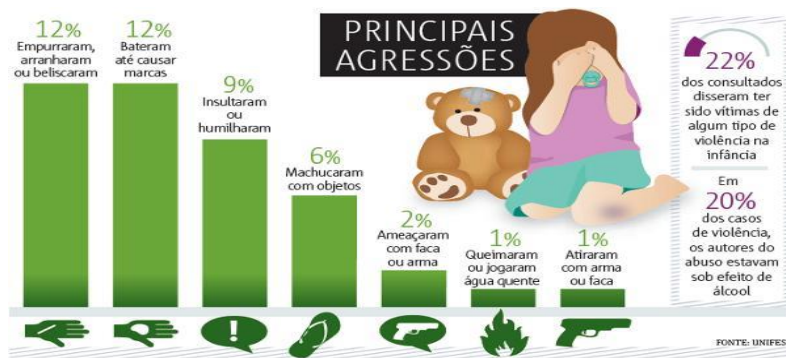
### **2.1 As diversas formas de violência contra crianças e adolescentes**

Nesse subtítulo vão ser destacadas as diversas formas de violência contra crianças e adolescentes como, por exemplo, a violência intrafamiliar, física, sexual e psicológica, a negligência e o abandono entre outras, com vários dados do disque 100 do IBGE e outros dados. Como vêm a seguir dados de pessoas que sofreram com o *bullying* na infância ou na adolescência.

Segundo o disque 100, 13% das pessoas disseram ter sofrido com o *bullying* na infância ou na adolescência (2017). Segundo a coordenadora da pesquisa, que chegou a essa estatística Clarice Sandi Madruga, afirma que o quadro revelado pelo levantamento mostra que a violência é um comportamento incorporado à cultura do país e vem de gerações. Segundo ela, existe uma relação muito grande entre a violência na infância e o uso de álcool e drogas na vida adulta. Mais da metade dos

entrevistados que admitem ser dependentes de cocaína relatam ter sofrido alguma violência 52%. Entre a população geral, a porcentagem é bem menor - 21%.

Figura 1: Principais agressões sofridas pelas vítimas de *bullying* de acordo com Disque 100.



Fonte: Disque 100 (2017).

Segundo o disque 100 em 2017, foram feitas 84.049 denúncias de violações contra crianças e adolescentes - 10% a mais do que o registrado em 2016. Muitas denúncias envolvem mais de um tipo de violação e mais de uma vítima. Foram contabilizadas 130.224 crianças e adolescentes vítimas de violações em 2017 e 166.356 casos de violações. O maior número de denúncias envolve crianças entre 4 e 7 anos de idade e em 45% das vezes ocorrem na casa da vítima.

O tipo de violação mais reportada foi negligência, com 61.416 casos, seguida de violência psicológica, com 39.561, e violência sexual, com 20.330 casos. Os dados de 2017 também revelam um aumento de 29,64% no número de denúncias de violações contra pessoas com deficiência. Também cresceu 20% o número de denúncias de violações contra pessoas em restrição de liberdade, que totalizou 4.655 em 2017, frente 3.861 em 2016.

Segundo o IBGE (2012), a aparência física é um dos principais motivos de *bullying* nas escolas, um problema considerado de saúde pública. O número de casos de jovens submetidos a situações de humilhação vem crescendo, de acordo com pesquisa do IBGE sobre a saúde do estudante brasileiro. O número de jovens que passa por humilhação vem aumentando nas escolas do país. Em 2012, 35% dos estudantes afirmaram ter sofrido algum tipo de *bullying*. Em 2017 já foram 47%, de acordo com pesquisa do IBGE. Esse tipo de violência começa quase sempre com

uma brincadeira. O número de jovens que passa por humilhação vem aumentando nas escolas do país.

A violência contra crianças e adolescentes é todo ato ou omissão cometido pelos pais, parentes, outras pessoas e instituições capazes de causar dano físico, sexual e/ou psicológico à vítima. Implica, de um lado, uma transgressão no poder/dever de proteção do adulto e da sociedade em geral e, de outro, numa coisificação da infância. Isto é, uma negação do direito que crianças e adolescentes têm de serem tratados como sujeitos e pessoas em condições especiais de desenvolvimento (MINAYO, 2001, p. 26).

Considerando os dados do disque 100 e do IBGE acima de que grande parte das situações de violência contra crianças e adolescentes ocorre no ambiente familiar<sup>1</sup>, esse ambiente ao qual deveria dar segurança e proteção a essas crianças e adolescentes, muitas das vezes é onde eles acabam sofrendo com as violências, com isso causando medo, ansiedade, sofrimento e angústia a criança ou adolescente, por ser algum ente querido que cometesse a violência, isso faz com que se torne mais difícil uma denúncia. Assim faz-se necessário uma definição acerca da violência intrafamiliar.

A violência intrafamiliar continua acontecendo, apesar de algumas conquistas no campo institucional, político e jurídico. Mantém-se pela impunidade, pela ineficiência de políticas públicas e ineficácia das práticas de intervenção e prevenção. Mantém-se também com a cumplicidade silenciosa dos envolvidos: o silêncio da vítima, cuja palavra é confiscada pelo agressor através de ameaças; o silêncio dos demais parentes não agressores, que fecham os olhos e se omitem de qualquer atitude de proteção da vítima ou de denúncia do agressor; o silêncio dos profissionais que, em nome da ética e do sigilo profissional, se refugiam muitas vezes numa atitude defensiva, negando ou minimizando os efeitos da violência (ARAÚJO, 2002, p. 05).

Ela ocorre dentro de casa ou unidade domesticada criança ou adolescente e esta violência pode ser praticada por um ou até mesmo mais membro/s da família que vive com a vítima, ou por terceiros como, por exemplo, por namorado/a, os não

---

<sup>1</sup> Entre 2011 e 2017, o Brasil teve um aumento de 83% nas notificações gerais de violências sexuais contra crianças e adolescentes, segundo boletim epidemiológico divulgado pelo Ministério da Saúde [...]. No período foram notificados 184.524 casos de violência sexual, sendo 58.037 (31,5%) contra crianças e 83.068 (45,0%) contra adolescentes.

A maioria das ocorrências, tanto com crianças quanto com adolescentes, ocorreu dentro de casa e os agressores são pessoas do convívio das vítimas, geralmente familiares. O estudo também mostra que a maioria das violências é praticada mais de uma vez (Disponível em: <https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/maioria-dos-casos-de-violencia-sexual-contra-criancas-e-adolescentes-ocorre-em-casa-notificacao-aumentou-83.ghtml>).

pertencentes à família. As agressões domésticas incluem vários tipos de violência como: abuso físico, sexual e psicológico, a negligência e o abandono entre outros.

A violência doméstica contra crianças e adolescentes representa todo ato de omissão, praticados por pais, parentes ou responsáveis, contra crianças e/ou adolescentes que – sendo capaz de causar dano físico, sexual e/ou psicológico à vítima – implica de um lado uma transgressão do poder/ dever de proteção do adulto e, de outro, uma coisificação da infância, isto é, uma negação do direito que crianças e adolescentes têm de ser tratados como sujeitos e pessoas em condição peculiar de desenvolvimento (GUERRA, 1998, p. 32-33).

A violência física é a ação ou omissão que coloque em risco ou cause dano à integridade física de uma pessoa, com o uso da força física utilizada para machucar a criança ou adolescente de forma intencional, não acidental. Por vezes, a violência física pode deixar marcas no corpo, como hematomas, arranhões, fraturas, queimaduras, cortes, entre outros (DISQUE 100, 2017).

Segundo a Empresa Brasil de Comunicação (EBC) a cada 1 hora, 5 crianças ou adolescentes sofrem violência física no país. A cada dia que passa 129 casos em média de violência física, sexual, psicológica e negligência é denunciado ao Disque 100. Esse quadro pode ser ainda mais grave se levado em consideração que muitos desses crimes nunca chegam a ser denunciados. É importante ressaltar que esses agravos, muitas vezes, estão próximos das vítimas, e segundo alguns dados 80% das agressões físicas contra crianças e adolescentes são causadas por parentes próximos.

Quanto à violência psicológica, esta se caracteriza pela ação ou omissão destinada a degradar ou controlar as ações, comportamentos, crenças e decisões de outra pessoa por meio de intimidação, manipulação, ameaça direta ou indireta, humilhação, isolamento ou qualquer outra conduta que implique prejuízo à saúde psicológica, à autodeterminação ou ao desenvolvimento pessoal. A violência psicológica é um conjunto de atitudes, palavras e ações que objetivam constranger, envergonhar, censurar e pressionar a criança ou o adolescente de modo permanente, gerando situações vexatórias que podem prejudicá-lo em vários aspectos de sua saúde e desenvolvimento.

A violência psicológica é difícil de ser definida operacionalmente devido à diversidade cultural que legitima algumas práticas violentas, conforme o contexto em que ocorrem. O consenso percebido entre os autores é de que a violência psicológica traz uma mensagem cultural

de depreciação e rejeição que prejudica a socialização e o desenvolvimento psicológico da criança e do adolescente, provocando grande sofrimento (ABRANCHES; ASSIS, 2011 apud GUERRA, 2001).

Violência moral é a ação destinada a caluniar, difamar ou injuriar a honra ou a reputação da mulher ou da criança e adolescente. É a exposição de alguém a situações humilhantes e constrangedoras, repetitivas e prolongadas durante a jornada de trabalho, e no caso de crianças e adolescentes no seu ambiente escolar ou familiar e no exercício de suas funções (DISQUE 100, 2017). Segundo alguns dados do disque 100 coletados em 2017 cerca de 8.948, crianças e adolescentes entre 01 a 17 anos sofreram violência moral, mas só 17% dessas crianças e adolescentes recebem atendimento, o restante não denuncia a violência sofrida.

Violência sexual é a ação que obriga uma pessoa a manter contato sexual, físico ou verbal, ou a participar de outras relações sexuais com uso da força, intimidação, coerção, chantagem, suborno, manipulação, ameaça ou qualquer outro mecanismo que anule ou limite a vontade pessoal. Considera-se como violência sexual também o fato de o agressor obrigar a vítima a realizar alguns desses atos com terceiros.

De acordo com o relatório do UNICEF, em todo o mundo, cerca de 15 milhões de adolescentes meninas, de 15 a 19 anos, foram vítimas de relações sexuais ou outros atos sexuais forçados; 9 milhões delas foram vítimas no último ano. Dados de 28 países indicam que 90% das adolescentes vítimas disseram que o autor da primeira violação era alguém próximo ou conhecido. E apenas 1% das que sofreram violência sexual disse que buscaram ajuda profissional (UNICEF, 2017).

O abuso sexual infantil é uma forma de violência que envolve poder, coação e/ou sedução. É uma violência que envolve duas desigualdades básicas: de gênero e geração. O abuso sexual infantil é frequentemente praticado sem o uso da força física e não deixa marcas visíveis, o que dificulta a sua comprovação, principalmente quando se trata de crianças pequenas. O abuso sexual pode variar de atos que envolvem contato sexual com ou sem penetração a atos em que não há contato sexual, como o exibicionismo (ARAÚJO, 2002, p. 5).

O abuso sexual contra crianças e adolescentes na maioria das vezes acontece dentro da própria família, em que os agressores são as pessoas que deveriam oferecer cuidado e proteção. Isso faz com que a vítima do abuso sexual

tenha mais dificuldades para denunciar. Muitas vezes sente medo de que o abusador possa fazer algo contra ela ou até mesmo contra sua família, ou por receio da família não acreditar em seu relato. Sabe-se que muitas vezes é difícil provar que a vítima sofreu algum tipo de abuso, pois algumas atitudes violentas, como por exemplo, o exibicionismo ou até mesmo quando o agressor toca nas partes íntimas da criança, não deixam marcas físicas que possam ser identificadas.

A violência sexual ocorrida dentro da própria casa da criança ou do/a adolescente é a mais difícil de ser denunciada, por conta de medo, do constrangimento e muitas vezes porque a criança ou adolescente tem apego e carinho por quem cometeu a violência contra ele/a. E também muitas das vítimas já são violentadas desde a sua gestação no ventre de sua mãe, isso significa que a mãe já era violentada e após o nascimento da criança ela também passa a sofrer com a violência sexual.

Como é possível observar nos dados apresentados pelo UNICEF (2017), a maioria das vítimas de violência sexual são meninas. Por isso, há necessidade de se problematizar este fenômeno a partir do debate das relações de gênero, pois é o gênero feminino que mais sofre este tipo de violência.

As mulheres como categoria social não têm, contudo, um projeto de dominação-exploração dos homens. [...] o poder é atribuído à categoria social homens, podendo cada exemplar desta categoria utilizá-lo ou não, ou ainda delegá-lo. [...] Várias formas de violência de gênero são perpetradas contra as esposas sem que o agente imediato destas práticas seja, necessariamente, o patriarca (SAFFIOTI, 2001, p. 116).

Fora as violências cometidas contra a esposa muitas vezes também são cometidas violência com as filhas em relação às crianças e adolescentes. Violências físicas, psicológicas e até mesmo sexual. E também muitas vezes a violência é cometida não pelo pai, mas pelo padrasto, avô, tio, irmãos, primos, vizinho ou até mesmo um amigo da família. Na maioria das denúncias de violências sexuais sofridas são por meninas, como destaca o disque 100.

Dados do Disque 100 revelam que as meninas são maioria entre as vítimas de violência sexuais sendo 47,85%, em relação aos meninos 40,29%. Em 11,86% dos casos, não foi possível identificar o gênero. Nessa relação a faixa etária de idade é de 04 a 11 anos reunindo mais de 40% das denúncias. Do total, pretos e pardos somam 42%, e brancos, 30%. Para o restante, não há identificação de cor.

As crianças do sexo feminino com denúncia no disque 100 de violência sexual, destaca-se que 51,9% estavam na faixa etária entre 1 e 5 anos e 42,9% entre 6 e 9 anos, 46,0% eram da raça/cor da pele negra, e as notificações se concentraram nas regiões Sudeste 39,9%, Sul 20,7% e Norte 16,7%.

Entre as do sexo masculino, destaca-se que 48,9% estavam na faixa etária entre 1 e 5 anos e 48,3% entre 6 e 9 anos, 44,2% eram da raça/cor da pele negra, e as notificações se concentraram nas regiões Sudeste 41,8%, Sul 24,6% e Norte 12,7%. Entre as crianças do sexo feminino, as denúncias mostram que 33,8% tiveram caráter de repetição, a residência 71,2% e a escola 3,7% foram os principais locais de ocorrência, e 61,0% dos eventos foram notificados como estupro. E no sexo masculino, mostrou que 33,2% tiveram caráter de repetição, a residência 63,4% e a escola 7,1% foram os principais locais de ocorrência, e 64,6% dos eventos foram notificados como estupro.

Também relatam que em 81,6%, o agressor era do sexo masculino e 37,0% tinham vínculo familiar com a vítima. Entre as vítimas do sexo feminino, em 75,6% dos casos foi perpetrada por um autor. Em 80,8%, o agressor era do sexo masculino e 39,8% tinham vínculo familiar com a vítima. Entre as vítimas do sexo masculino, em 72,2% dos casos não foi perpetrada por um autor. Em 83,7%, o agressor era do sexo masculino e 35,4% tinham vínculo familiar, de amizade ou conhecido da vítima e de sua família.

A violência sexual é a violação dos direitos sexuais, no sentido de abusar ou explorar do corpo e da sexualidade de crianças e adolescentes.

A violência sexual, ou exploração sexual, configura-se como todo ato ou jogo sexual, relação hétero ou homossexual entre um ou mais adultos e uma criança ou adolescente, tendo por finalidade estimular sexualmente esta criança ou adolescente ou utilizá-la para obter uma estimulação sexual sobre sua pessoa ou de outra pessoa (GUERRA, 1998, p. 31).

Percebe-se que nas situações de violência sexual contra crianças e adolescentes, há um total desrespeito a sua condição peculiar de crescimento e desenvolvimento, ou seja, estas não estão preparadas físicas e psicologicamente para vivenciar este tipo de situação. Os adultos se aproveitam de uma relação desigual de força, poder, gênero e até mesmo tamanho, para se satisfizer sexualmente, tornando crianças e adolescentes meros objetos sexuais.

Há casos em que a violência sexual é cometida por mais de uma pessoa, seja nos casos em que crianças e/ou adolescentes sofreram violência mais de uma vez e por pessoas diferentes ou até mesmo nos casos de estupro coletivo. Como por exemplo, no município de São Borja também já houve denúncia de um caso de estupro coletivo, em que uma adolescente teria saído com um rapaz para ter relações sexuais e acabou violentada e por mais pessoas.

Há casos em que crianças e adolescentes começam a ser agredidas quando ainda estão no ventre da mãe.

A maioria das crianças brasileiras começa a ser agredida ainda no ventre materno, pela desnutrição materna e pela violência contra a mulher, e quando sobrevive às doenças perinatais, respiratórias e prevê níveis por vacinação, quando sobrevive à fome e à diarreia, chega à idade adulta agredida pela falta de oportunidade do mercado de trabalho, depois de sofrer o fenômeno da evasão (diga-se “expulsão escolar”), quando então poderíamos falar no maltrato da instituição escolar, que entre outras causas multifatoriais apresenta um currículo completamente desligado da aplicação para as reais necessidades da maioria da população brasileira (CÉLIA, 1990, p. 43).

Existe a violência até mesmo antes de a criança nascer, pois nesse caso a mãe dela sofre violência e depois que a criança nasce passa a ser violentada, e a mãe fica impossibilitada de fazer a denúncia contra isso por medo principalmente de não conseguir sobreviver sem o seu marido, pois é ele quem trabalha e prove o sustento da família, e assim a mãe fica sem poder fazer algo contra a violência sofrida pela criança e adolescente.

Segundo o disque 100 a violência infanto-juvenil é contrária ao comportamento que todo ser humano deve assumir como cidadão, a violência rompe com as normas sociais produzindo um mal-estar no sistema. Assim, a violência infanto-juvenil pode ser analisada através de diversos pontos de vista, um tema que preocupa muito hoje em dia é a violência juvenil, sendo o *bullying* escolar e até mesmo na sociedade em geral um dos mais graves e que adquire novas formas através das tecnologias da rede social. A violência juvenil é uma ação causada por um dano a uma terceira pessoa através de um ato deliberado e consciente. Existem diversas formas de violência além do plano físico, como a humilhação que também é uma forma de violência a partir do momento que se



ridiculariza uma pessoa e isso ocorrem muitas vezes dentro do próprio ambiente familiar.

Quando a violência é cometida pela família, uma dificuldade existente é o receio, principalmente por parte da própria criança, em relatar o ocorrido, temendo punições. Tal dificuldade vai desde aquela diagnóstica e de notificação, até a da falta de dispositivos padronizados e efetivos para a adequada condução desses casos pelo sistema de saúde (12,24%). Portanto, torna-se evidente que os pais estão entre os principais perpetradores da violência infanto-juvenil, principalmente entre as vítimas com faixa etária menor ou igual a 5 anos, destacando-se a mãe como a maior agressora (12%), por ela estar mais próxima fisicamente dos filhos (SOUTO, 2018, p. 1321).

Outra forma de manifestação da violência contra crianças e adolescentes é a negligência, a qual se caracteriza pelo desleixo, descuido, desatenção, menosprezo, preguiça, indolência, é a falta de cuidados e proteção com o desenvolvimento da criança ou adolescente. Negligência configura-se quando os responsáveis pelas crianças e adolescentes falham em termos de alimentar, de vestir adequadamente seus filhos, netos, sobrinhos e crianças ou adolescentes que estejam em seus cuidados legais.

Negligência é um ato de omissão do responsável pela criança ou adolescente em prover necessidades básicas para o seu desenvolvimento. Fruto da omissão e/ou despreparo dos pais ou responsáveis de crianças. Ex: alimentação, vestuário, saúde, educação amor, descuido, acidentes previsíveis etc. (VILELA, 2005, p. 14).

Já o abandono é a ausência da pessoa de quem a criança ou o adolescente está sob cuidado, guarda, vigilância ou autoridade. Para compreender o abandono primeiramente, tomando-se por base três categorias de significados que emergiram nas observações realizadas nas leiteiras traz as três categorias do abandono, com insistência em diferentes contextos a invisibilidade, a transgressão e os vínculos afetivos (DISQUE 100, 2017).

Até a aprovação do ECA, crianças e adolescentes não eram reconhecidas como cidadãos, e, portanto, como sujeito de direitos, mas como um sujeito incompleto e incapaz, cujas necessidades deveriam ser expressas pela voz do adulto.

Segundo o Jornal Hoje disponível no G1 da rede Globo o abandono de crianças e adolescentes corresponde a 40% das denúncias de violência, a cada seis minutos, uma denúncia de violência contra a criança chega à Secretaria Nacional de Direitos Humanos. No ano de 2018 foram 82 mil ligações para o disque 100. O abandono é a maior causa de violência contra a criança de até 9 anos.

A violência institucional é o tipo de violência motivada por desigualdades (de gênero, étnico-raciais, econômicas etc.) Predominantes em diferentes sociedades. Essas desigualdades se formalizam e institucionalizam nas diferentes organizações privadas e aparelhos estatais, como também nos diferentes grupos que constituem essas sociedades. Caracteriza-se por qualquer manifestação de violência contra crianças e adolescentes praticada por instituições formais ou por seus representantes, que são responsáveis pela sua proteção. A omissão institucional é a omissão dos órgãos em cumprir as suas atividades de assegurar a proteção e defesa de crianças e adolescentes (DISQUE 100, 2017).

A exploração econômica ou trabalho infantil é quando as crianças e adolescentes são convencidos ou obrigados a executar funções e a assumir responsabilidades de adulto, inapropriadas à etapa de desenvolvimento em que se encontram.

Os pais das camadas média ou alta da sociedade, vêem-se atônitos diante do vendaval de novos possíveis que a sociedade informacional traz consigo, do ritmo alucinante de mudanças e de inovações mediadas pelas novas tecnologias. Diante disso, recorrem a um universo de obrigações, impondo um acúmulo de trabalho para a criança, esquecendo-se, assim, da infância, deste período que deveria ser sempre privilegiado, do lúdico, do tempo do brincar, do tempo livre. Assim, é adultizada precocemente toda criança, e não mais somente a criança pobre, pois considera-se haver trabalho infantil sempre que a criança é dissociada das condições, necessidades e limites característicos da sua idade e de seu estágio de formação. Trata-se, nesse sentido, de trabalho inadequado, impróprio à idade. E, assim, a exploração pode ser vista também como a realização dos pais através dos filhos, das projeções feitas sobre as crianças, no sentido de que os possíveis problemas financeiros, emocionais e de auto-estima dos pais, por exemplo, serão resolvidos através da vida desejável que impõem aos filhos, e, portanto, do trabalho dos filhos (ALMEIDA NETO, 2007 P.12-13).

Segundo dados do IBGE (2017) o trabalho infantil atingia 1,8 milhão de crianças e adolescentes no Brasil em 2016. Cerca de 998 mil delas, em situação

irregular. Sendo cerca de 30 mil crianças entre 5 a 9 anos de idade trabalhando e outras 160 mil no grupo de 10 a 13 anos, a maioria são meninos 65,3%, pretos ou pardos 64,1% e chegam a trabalhar em média 25,3 horas por semana.

Os dados do IBGE mostram uma preocupação em relação à evasão escolar provocada pela entrada prematura no mercado de trabalho. Enquanto a taxa de escolarização das crianças ocupadas entre 5 e 13 anos atinge 98,4% pouco abaixo da taxa registrada entre as crianças não ocupadas, no grupo dos ocupados com 16 e 17 anos de idade, essa taxa de escolarização cai para 74,9%.

Mesmo sendo proibida por lei a colocação de uma criança ou adolescente em qualquer forma de trabalho realizado entre 5 e 13 anos está irregular e precisa ser abolido, segundo a legislação, ainda existe muitas em forma irregular de trabalho e com isso evadindo a escola.

Para finalizar esse capítulo apresenta-se na tabela, alguns dados dos locais que foram denunciados e quantidade de denúncias de violências contra crianças e adolescentes no ano de 2017 no Brasil, esses dados foram retirados do Disque 100.

Tabela 1: Quantidade de denúncias de violências contra crianças e adolescentes no ano de 2017.

Grupo	Proteja	Clique	Disque	Ouvidoria	ONDH	Total	%
	Brasil	100	100	online		Geral	
Criança e adolescente	5680	3684	71748	2686	251	84049	58,91%

Fonte: Disque 100 (2017).

Quando considerados os dados coletados em 2016 e 2017, a análise comparativa revela o aumento no registro de denúncias de violações de direitos humanos de crianças e adolescentes como se apresentam na tabela a seguir, esses dados foram retirados do disque 100.

Tabela 2: Comparativo de denúncias contra crianças e adolescentes entre 2016 e 2017.

Grupo	2016	2017	Aumento em %
Crianças e adolescentes	76171	84049	10,34%

Fonte: Disque 100 (2017).

Com o aumento das denúncias contra violência contra crianças e adolescentes que vem ocorrendo, isso ajuda na proteção delas e ajuda a também novas vítimas das mesmas ou de outras formas de violência, a saber, que podem denunciar para que seu direito a proteção seja alcançada. Com isso a seguir vem um mapa com registro do aumento o registro das denúncias de violação dos direitos de crianças e adolescentes no disque 100 em cada estado entre os anos de 2016 e 2017.

Mapa 01: Violência contra menores no ano de 2018<sup>2</sup>.



Fonte: Disque 100 (2018).

<sup>2</sup> Esse mapa temático e gráfico foi publicado no jornal O Globo, em 21 de abril de 2018. Por isso aparece o termo “menores” sendo que o termo correto seria crianças e adolescentes.

No mapa se destaque que na maioria dos estados brasileiros ocorreu o aumento das denúncias, e o que mais chama a atenção é que entre as vítimas das violências denunciadas à maioria era meninas, e as violências denunciadas a maior parte sofria com a negligência, em segundo lugar com a violência psicológica e em terceiro com a violência sexual, mas destacasse que uma mesma vítima pode ter sofrido mais de um tipo de violência. E na sequência vem o bullying, portanto no próximo subtítulo vem o conceito, o histórico e os aspectos legais do bullying.

## **2.2 BULLYING: aspectos conceituais, históricos e legais**

*Bullying* é uma palavra de origem inglesa e sem tradução ainda aqui no Brasil. Esse termo é utilizado para qualificar comportamentos violentos principalmente no ambiente escolar, mas também em outros ambientes da nossa sociedade. Segundo Chalita (2008, p. 8) “bullying é uma palavra que vem do adjetivo bully, que, em inglês significa valentão. Quem é mais forte tiraniza, ameaça, oprime, amedronta e intimida os mais fracos”. *Bullying* é compreendida como um conjunto de comportamentos agressivos, intencionais e repetitivos que ocorrem sem motivação evidente, adotado por uma ou mais pessoas contra outra pessoa, causando dor, angústia, medo e sofrimento.

Segundo o pequeno histórico do *bullying* da Faculdade da Fundação de Ensino de Mococa – FAFEM de 2008, o *bullying* acontece em qualquer local no qual seres humanos interajam, como nas escolas, nas universidades, nas famílias, entre vizinhos, no trabalho e na sociedade em geral. Mas foi nos anos 1970, na Suécia, que surgiu um maior interesse da sociedade sobre este problema, que logo se ampliou para os outros países. Na Noruega, doze anos mais tarde, em 1982 ocorreu o suicídio de três crianças entre 10 e 14 anos, motivadas pela situação de maus-tratos a que eram submetidos pelos seus colegas de escola, assim mobilizando o governo norueguês que fizera uma campanha nacional contra o *bullying* no ano de 1983.

Já nos Estados Unidos o fenômeno cresce cada vez mais, e no Brasil, há poucos anos atrás que o assunto do *bullying* vem sendo discutido.

envolvidos em bullying, revelando também que este fenômeno se faz presente com índices superiores aos países europeus. Nesta pesquisa foram ouvidos 5.800 alunos de instituições cariocas, duas particulares e nove públicas, de 5ª a 8ª série do antigo ensino fundamental. Desse total, 40,5% dos estudantes admitiram que estivessem diretamente envolvidos em atos de bullying em 2002, sendo que 16,9% se identificaram como alvos, 12,7% como autores e 10,9% autores e alvos. Os outros 57,5% negaram ter participado de situações de bullying (FAFEM, 2008, s/p).

Partindo da tradução de Olweus (1978), *bullying* é um tipo específico de violência escolar entre pares, caracterizado por comportamentos violentos que envolvem atitudes hostis. Essas atitudes podem violar a integridade física e psicológica dos estudantes, mediante práticas agressivas, intencionais, repetitivas e assimétricas. As motivações para o *bullying* não são plenamente racionáveis do ponto de vista das justificativas morais e exprimem sentimentos de intolerância à diferença.

Para Pereira (2008) o *bullying* se identifica pela intencionalidade de magoar ou amedrontar alguém de forma física, verbal ou psicológica. Os comportamentos de *bullying* também podem ocorrer através de vias eletrônicas como web site, salas de bate papo, mensagens eletrônicas, sendo conhecido nestes casos como *cyberbullying* ou *bullying* eletrônico. Existem vários tipos de *bullying*, os quais se destacam a seguir:

*Bullying* físico é caracterizado por violência física, nesse tipo de *bullying* a vítima leva chutes, socos, pontapés e outros ou tem a passagem bloqueada pelo simples fato de usar óculos, aparelho ou estar um pouco acima do peso, por exemplo. Esse tipo é comum, mas passa muitas vezes despercebido, pois na maioria das vezes é interpretado como brincadeira de amigos. Segundo Peruphype (2011), a violência física se caracteriza pelo uso da força física através de instrumentos ou meios que cause danos corporais, a exemplo de agressões físicas, em formas de empurrão, chutes, etc.

Bater, dar tapas, cotoveladas e empurrões com os ombros. Empurrar, forçar com o corpo, colocar o pé na frente. Chutar. Tomar, roubar, danificar ou desfigurar pertences. Restringir. Beliscar. Enfiar a cabeça da outra criança no vaso sanitário. Enfiar outra criança no armário. Atacar com comida, cuspe, e assim por diante. Ameaças e linguagem corporal intimidadora (BEANE, 2010, p. 19-20).

Quando se fala em padrões de beleza na sociedade, as referências são as modelos e atrizes super magras, belas, com estilo, roupas de marcas, maquiadas. Não podem usar óculos, aparelho ou estar um pouco acima do peso. Destaca-se que as redes sociais reforçam estes padrões de beleza na sociedade, que aparentemente vendem um estilo de vida saudável, mas, na vida prática, parecem pouco viáveis, principalmente para crianças e adolescentes, que não têm condições financeiras de manter esse padrão de vida. Só que cada pessoa tem seu jeito de ser seu formato de corpo, genética, rotina e necessidades biológicas distintas.

Ao longo do tempo, o padrão de beleza imposto pela sociedade mudou. Na Grécia antiga (500 a.C. a 300 a.C.), uma mulher era considerada atraente, se possuísse coxas grossas, cintura larga e seios avantajados. Essas características configuravam o padrão de beleza naquela época. Quem se posiciona a favor afirma que o ato de procura por um padrão de beleza ideal, é prejudicial à saúde. Na atualidade, esse padrão já não é mais o mesmo, a busca por um corpo perfeito perante a sociedade, se tornou algo extremamente compulsivo e implacável. [...] A procura por um corpo perfeito pode ser perigoso e extremamente prejudicial à saúde. Os adolescentes são as principais vítimas, eles acreditam que para serem aceitos pela sociedade, precisam ter um corpo magro, cabelos lisos, pele lisa e macia. A mídia por sua vez, aproveita-se da ingenuidade dos jovens para persuadi-los a comprar remédios e fazerem dietas mirabolantes que prometem um corpo “perfeito”. O constante aumento de jovens que possuem Bulimia e Anorexia são provas de que a corrida por um corpo perfeito vem aumentando rapidamente (ROSS, s/d, s/p).

O *bullying* psicológico é aquele em que a vítima sofre constantemente intimidações ou chantagens, além de ser frequentemente vítima de calúnias e boatos, de perseguições no que diz respeito à orientação sexual, religião ou peso. Esse tipo pode até levar à depressão e fobia social. Já a violência psicológica é mascarada pela sutileza de suas características, sendo difícil de serem percebidas estando presente inclusive em situações que envolvem outros tipos violências (PERUPHYPE, 2011). Esse tipo de violência é quando o *bullying* afeta o psicológico estando explícito como exemplo, na chantagem, na manipulação, na exclusão, na perseguição, etc.

Sendo que discriminação e desrespeito a uma pessoa por ter uma orientação sexual, uma religião, ou até mesmo o peso diferente do seu é crime hoje em dia, mesmo assim ocorre muito, principalmente com crianças e adolescentes e isso é considerado como *bullying* psicológico para a criança e o adolescente, e isso pode trazer vários traumas na vida dela.

*Bullying* verbal é o tipo mais comum de ser praticado nas escolas e que começa com um apelido maldoso, normalmente relacionado com alguma característica da pessoa. Além dos apelidos, esse tipo de *bullying* é caracterizado por xingamentos e humilhações constantes, o que pode fazer com que aquela criança que sofreu *bullying* verbal cresça sem acreditar nas suas competências e tenham medo de se relacionar com outras pessoas (CABRAL, 2008).

*Bullying* virtual, também conhecido como *cyberbullying*, é caracterizado por ataques verbais e psicológicos pelas redes sociais. Nesse tipo, a internet é a maior aliada, sendo a principal ferramenta de disseminação de fotos, vídeos ou comentários maldosos sobre a pessoa, deixando-a constrangida.

O *cyberbullying* é um tipo de *bullying* melhorado. É a prática realizada através da internet que busca humilhar e ridicularizar os alunos, pessoas desconhecidas e também professores perante a sociedade virtual. Apesar de ser praticado de forma virtual, o *cyberbullying* tem preocupado pais e professores, pois através da internet os insultos se multiplicam rapidamente e ainda contribuem para contaminar outras pessoas que conhecem a vítima. Os meios virtuais utilizados para disseminar difamações e calúnias são as comunidades, e-mails, torpedos, blogs e fotoblogs. Além de discriminar as pessoas, os autores são incapazes de se identificar, pois não são responsáveis o bastante para assumirem aquilo que fazem. É importante dizer que mesmo anônimos, os responsáveis pela calúnia sempre são descobertos (CABRAL, 2008, s/p).

*Bullying* social é o que a pessoa é constantemente isolada das atividades e do convívio diário, podendo ser mais bem compreendido como todas as formas de agressões intencionais, repetidas e sem nenhum sentido. Existem fatos que levam a acreditar que o *bullying* tenha se iniciado na década de 90, na Europa (CABRAL, 2008).

É difícil que apenas um tipo de *bullying* seja praticado, normalmente podem ser percebidos *bullying* físico, psicológico, verbal e social. Apesar de ser algo relativamente comum nas escolas, pode acontecer em qualquer idade e em qualquer ambiente, pois qualquer comentário feito sobre outra pessoa e que possa interferir na sua vida pode ser considerado como tal.

Fante (2005) explica que o *bullying* embora possa ser reconhecido em vários contextos onde existem relações interpessoais é na escola que essa problemática demonstra seu lado mais perverso. Desta forma, a intenção é trabalhar no intuito de propiciar aos/as adolescentes espaços de reflexão crítica sobre o *bullying* e as suas



diversas consequências, com vistas a fortalecer essa população para a identificação e rompimento com as situações de violência.

Este tema é amplo e complexo e abrange diferentes espaços e situações, pois atingem classes sociais distintas, mulheres, idosos, crianças e adolescentes, podendo ser identificados outros atos de violência, caracterizando formas do *bullying*.

Nesse sentido, apreende-se que a adolescência é uma etapa de intensas mudanças físicas, psíquicas e relacionais. Para o pleno desenvolvimento dessas mudanças, sendo um momento de transição do adolescente para a fase adulta e “para que se efetivem essas mudanças é necessário que os jovens transitem em ambiente acolhedor e transmitam segurança, apoio e proteção” (BARBOSA, 2011, s/p).

No ambiente escolar e na família até pouco tempo, o que hoje reconhecemos como *bullying*, era visto como fatos isolados, “briguinhas de criança”, e normalmente família e escola não tomavam sequer alguma atitude (RIBEIRO, 2017). Na atualidade, o *bullying* é reconhecido como problema crônico nas escolas, e com consequências sérias, tanto para vítimas, quanto para agressores. Entre os envolvidos no *bullying*: encontramos os/as agressores/as, as vítimas e as testemunhas. Para Barbosa (2011, s/p) as características sendo: “os autores são os que querem controlar e mandar-nos outros, dirigem suas ações aos colegas que do ponto de vista físico e emocional”. Eles têm consciência dos seus atos e seus objetivos são dominar o outro e exibir o seu poder.

Barbosa (2011, s/p) destaca que as “vítimas principais são consideradas pessoas diferentes, aqueles fora dos padrões estabelecidos”. Os que têm cor de cabelo ou de pele diferente, os que apresentam alguma deficiência, os que são diferentes na forma de vestir, na acentuação linguística, pode ser o mais inteligente, o mais gordo, o mais magro, o que usa óculos etc. Geralmente, as vítimas são indefesas, tímidas, isolam-se do grupo, não têm a quem recorrer ou quem faça frente, em geral, escondem ser alvo desse processo. Quem demonstrar medo e até chorar se torna ponto preferencial dos agressores.

Conseqüentemente, as “testemunhas são aqueles que se acostumou com o problema e não se mobilizam para a mudança, não se importam com o que está acontecendo” (BARBOSA, 2011, s/p). Têm medo de que sejam as próximas vítimas e, muitas vezes, pensam que se levarem a diante não vai acontecer nada.

Essas características foram definidas após a iniciação de estudos e pesquisas sobre o assunto. A partir da década de 1980, liderados em grande parte pelo psicólogo norueguês Dan Olweus, da Universidade de Berger, psicólogos e pesquisadores do comportamento estudavam, com seriedade, o abuso coletivo (mobbing), equivalente ao bullying em grupo, entre estudantes (BARBOSA, 2011, s/p).

Nesse capítulo foi contextualizado o conceito de *bullying*, o histórico e principalmente o ambiente que é mais comum o *bullying* e, por fim, foi contextualizado sobre as vítimas, os agressores e as testemunhas dessa violência. E dando continuidade no tema o próximo capítulo traz as diversas consequências do *bullying* na vida de crianças e adolescentes e os riscos a pequeno e longo prazo sofrido por eles/as.

### 3. CONSEQUÊNCIAS DO *BULLYING* NA VIDA DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES

Nesse capítulo abordar-se-á as diversas consequências do *bullying* na vida das crianças e adolescentes. Para o desenvolvimento desta reflexão foram utilizadas algumas bibliografias sobre as consequências do bullying na vida de crianças e adolescentes.

As consequências dependem muito de cada criança ou adolescente, e da sua estrutura, de vivências, da forma e da intensidade das agressões. No entanto, todas as vítimas, sofrem com os ataques de *bullying*. Os problemas mais comuns são: desinteresse pela escola; problemas psicossomáticos; problemas comportamentais e psíquicos como transtorno do pânico, depressão, fobia escolar, fobia social, ansiedade generalizada, entre outros e até problemas de saúde, como se verifica a seguir.

Crianças e adolescentes vítimas de bullying podem apresentar cefaleia (dor de cabeça), dores abdominais, insônia, enurese noturna (urinar na cama), depressão, ansiedade, falta à escola, diminuição da performance acadêmica, agressão a si próprio, pensamentos e tentativas de suicídio, perda de pertences, lesões no corpo, roupas e pertences em mau estado (rasgado ou sujo) e agressividade. Podem pedir mais dinheiro aos pais e rotineiramente ter fome ao sair da escola, o que subentende a situação de ter seu dinheiro tomado por outros adolescentes no intervalo para o lanche. Vítimas e vítimas/agressoras apresentam maiores níveis de ansiedade se comparados com estudantes não envolvidos com obullying (PIGOZI; MACHADO, 2015, p. 51).

As consequências para as vítimas de bullying, podem ser tão graves e abrangentes que acabam afetando o âmbito da saúde física e emocional, a baixa na resistência imunológica e na autoestima, o stress, os sintomas psicossomáticos, transtornos psicológicos, fobia, a depressão e até mesmo existem casos de suicídio.

As crianças ou adolescentes que sofrem de bullying também choram constantemente por raiva e tristeza, sendo que no seu dia-a-dia, manifestam sentimentos de medo, insegurança e angústia, desvalorizando suas qualidades.

O bullying nas escolas pode levar a consequências imediatas, como por exemplo, desinteresse pela escola, havendo diminuição do desempenho escolar, além de isolamento, ataques de pânico e ansiedade, medo, insegurança, comportamentos violentos e alterações físicas, como dificuldades para dormir,

distúrbios alimentares e até mesmo consumo de álcool e drogas ilícitas (OLWEUS, 1993).

Além das consequências imediatas, o bullying pode resultar em problemas em longo prazo, como dificuldade em relacionar-se com pessoas, provocando estresse no trabalho, pouca capacidade para manter um relacionamento amoroso, dificuldade na tomada de decisões, tendência à depressão, baixa autoestima e pouca rentabilidade no trabalho devido à falta de confiança em si mesmo (SANTOS, s/d).

Num período muito longo, as dificuldades de relacionamento entre as pessoas trazem uma diversidade de problemas de adaptação na adolescência e no início da sua vida adulta, tais como evasão escolar e problemas emocionais como solidão, depressão e ansiedade. Já, as amizades e relações positivas no grupo de crianças e adolescentes, parecem proteger elas de risco contra problemas psicológicos posteriores.

No entanto, nem todas as crianças ou adolescentes que sofreram de bullying na sua infância ou adolescência desenvolverão estas consequências na vida adulta, depende do seu estado emocional ou suporte da escola ou família que teve durante o período em que foi vítima de bullying.

O bullying afeta diretamente o desenvolvimento escolar de uma criança. Por ser constantemente maltratada, concentra suas forças em encontrar alternativas para escapar do sofrimento. Vive em estado de alerta e suas únicas preocupações passam a ser controlar suas emoções, evitar os bullies e chegar a casa em segurança. Estudar deixar de ser prioridade, não consegue se concentrar nas aulas, evita participar dos trabalhos em grupos e das atividades extracurriculares. Quando suas notas começam a cair, os pais e professores começam a pressioná-la, seus níveis de estresse se elevam ainda mais. Em muitos casos, acaba sendo reprovada e até desiste de estudar. É lamentável constatar que um bully tem o poder de ameaçar o futuro educacional e as oportunidades de vida de uma criança. Ao se sentir humilhada e perder a autoestima, ela pode deixar de aproveitar oportunidades que lhe dariam melhores empregos e uma carreira de sucesso. (CARPENTER; FERGUSON, 2011, p. 124).

O *bullying* afeta a vida de crianças e adolescentes nas escolas. Praticadas por um indivíduo ou um grupo de indivíduos, as agressões têm uma maior influência nas escolas, por serem ambientes diversos, múltiplos e heterogêneos, capazes de provocar sérias consequências se não forem monitoradas de maneira correta.

### 3.1 As principais consequências do *bullying* e a evasão escolar como uma forma desta violência

As principais consequências psicológicas do *bullying* são a ansiedade, o estresse e o medo, principalmente quando na presença de algum dos seus agressores. Esses sintomas, em casos mais graves e prolongados, podem levar as crianças e adolescentes a desenvolver quadros de depressão e outros transtornos mentais.

Consequências físicas do *bullying* se dão em casos mais graves e principalmente de agressões prolongadas. As principais consequências são doenças psicossomáticas, automutilação e, em caso de avanço sem tratamento da depressão, suicídio. Também existe associação entre o *bullying* e o consumo de álcool e drogas ilícitas por parte de adolescentes, o que pode provocar uma série de outros problemas físicos a médio e longo prazo.

Algumas das consequências do *bullying* a pequeno e médio prazo, considerando o ambiente escolar podem levar ao desinteresse pela escola, provocando baixo desempenho escolar, resultando em notas baixas e vermelhas, ao isolamento social da criança e do adolescente, ataques de pânico, medo e ansiedade, devido ao estresse constante, comportamentos violentos a si mesmo, com os pais, irmãos e os outros familiares e com o ambiente, alterações físicas, como dificuldade em dormir, distúrbios na alimentação, não conseguindo mais se alimentar direito e até levar ao consumo de álcool e drogas (SANTOS, s/d).

Além destas consequências imediatas, existem as consequências do *bullying* em longo prazo que pode levar a problemas como, dificuldade em relacionar-se com outras pessoas, provocando estresse no trabalho e na sua vida social, causando pouca capacidade para manter um relacionamento amoroso, pouca rentabilidade no trabalho devido à falta de confiança e baixa autoestima, dificuldades na hora de tomar alguma decisão e tem alta tendência para desenvolver depressão.

Pelo medo e ansiedade provocados pelas agressões, a criança vítima de *bullying* passa a perder o interesse pelas atividades escolares e outras que realize nas quais seja alvo de ataques de colegas. Com isso, o aluno vítima de *bullying* pode sofrer queda de rendimento e evasão escolar. Entre crianças menores, há risco de atrasos no desenvolvimento. Além disso, a criança se torna mais retraída,

tímida e começa a evitar interagir com outras crianças da sua idade, com isso ocorre à evasão escolar.

Segundo o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica – IDEB que mede a qualidade do ensino, apesar de todos os nossos avanços o Brasil ainda sofre de uma tragédia silenciosa à evasão escolar, dos 10,3 milhões de jovens entre 15 e 17 anos que deveriam estar na escola, 2,8 milhões saem todos os anos. E isso já é de se esperar porque existem vários motivos para que as crianças e, principalmente, os adolescentes evadam a escola. Aqui vou citar 06 motivos que fazem as crianças e adolescentes sair da escola. Para conhecer melhor as ações que podem combater cada um dos 14 fatores a Galeria de Estudos e Avaliação de Iniciativas Públicas - GESTA também mapeou 125 programas nacionais, tanto federais quanto estaduais, e outras 110 programas internacionais.

Além disso, no site você poderá saber com mais detalhes o que está acontecendo e o que pode ser feito a respeito destes 06 motivos. Todo o conteúdo didático do GESTA – Engajamento Escolar é baseado no estudo do economista Ricardo Paes de Barros, “Políticas públicas para redução do abandono e evasão escolar de jovens”, esses dados foram construídos em 09 de novembro de 2017.

- a) Acesso limitado falta de acesso ainda hoje em dia é um problema em todos os estados brasileiros, principalmente quando falamos de lugares rurais, que faltam escola, vagas, professores e muitas vezes a dificuldade de chegar até a escola.
- b) Pessoas com deficiência (necessidade especial)<sup>3</sup> - 5% dos jovens abandonam a escola por conta de limitações físicas, pois mesmo existindo leis que defendam a pessoa com deficiência a poder estudar, muitas escolas ainda não estão equipadas para receber crianças e adolescentes com deficiências (GESTA, 2017).
- c) Gravidez e maternidade- A gravidez na adolescência é uma das causas mais comum para a evasão escolar das adolescentes, pois acham que a maternidade precoce pode causar constrangimentos sociais e limita o tempo disponível para os estudos (GESTA, 2017).
- d) Mercado de trabalho- um dos fatores de maior importância para afastar os jovens das atividades escolares é o seu envolvimento, com o mundo

---

<sup>3</sup> Termo utilizado na bibliografia consultada que se refere à pessoa com deficiência.

do trabalho de forma precoce. Muitos jovens têm que trabalhar para poder ajudar a família a prover o sua sobrevivência e outros escolhem trabalhar pelo simples motivo de achar que é melhor trabalhar do que estudar (GESTA, 2017). Nessa maioria os casos de trabalho infantil são precário, informal e sem direito e condições humanas para estas crianças e adolescentes, por isso que se vem lutando contra o trabalho infantil como pode-se ver na citação a seguir.

Em 2004, havia 218 milhões de crianças aliciadas pelo trabalho infantil. Este número, porém, apresentou uma diminuição de 11 por cento nos últimos quatro anos. Apesar de toda campanha mundial contra o trabalho infantil, a redução de 11% é pífia, expressando as dificuldades desta ordem social global de eliminar uma das formas mais torpes de exploração da força de trabalho (ALVES, 2007, s/p).

- e) Pobreza- as crianças e adolescentes e seus familiares, muitas vezes não tem condições mínimas de alimentação, higiene, vestimentas e moradia para frequentar a escola com dignidade ou não tem estrutura em casa para realizar os deveres de casa, como acesso a energia elétrica, internet, livros e cadernos e com isso acabam desistindo de estudar (GESTA, 2017). A seguir alguns dados sobre a pobreza segundo Florence Bauer, representante do UNICEF no Brasil.

A pobreza na infância e na adolescência tem múltiplas dimensões, que vão além do dinheiro. Ela é o resultado da inter-relação entre privações, exclusões e as diferentes vulnerabilidades a que meninas e meninos estão expostos e que impactam seu bem-estar. [...] São 18 milhões de meninas e meninos (34,3%) afetados pela pobreza monetária – com menos de R\$ 346,00 *per capita* por mês na zona urbana e R\$ 269,00 na zona rural. Desses, 6 milhões (11,2%) têm privação apenas de renda. Ou seja: mesmo vivendo na pobreza monetária, têm os seis direitos analisados garantidos. Já os outros 12 milhões (23,1%), além de viverem com renda insuficiente, têm um ou mais direitos negados – estando em privação múltipla (BAUER; KLAUS; CHOPITEA, 2017, s/p).

- f) Violência- violências física e psicológica (bullying e assédio, por exemplo) pode acontecer dentro de casa ou dentro da escola ou até mesmo nas ruas, podendo gerar sérias consequências e traumas na vida das crianças e dos adolescentes e com isso se torna ir à escola uma experiência insuportável ou até mesmo impossível, comprometendo o aprendizado das crianças e dos adolescentes e desviando sua atenção dos estudos (GESTA, 2017).

Segundo a pesquisa do IBGE 2017, em Brasília, o maior número de casos ocorreu nas escolas particulares: 35,9%, contra 26,2% dos estudantes nas escolas públicas e que o *bullying* é mais frequente entre os estudantes do sexo masculino 32,6% do que entre os escolares do sexo feminino (28,3%).

É importante ressaltar que o assunto do *bullying* vem sendo tratado e retratado em várias novelas, filmes, minisséries, de várias emissoras para contribuir no esclarecimento sobre o tema. Novelas como a malhação 2017 da emissora Globo, as Aventuras de Poliana da SBT, 13 Reasons Why (Os Treze Português), Extraordinário e o filme *Bullyng* provocações sem limites, são alguns tramas que abordaram o tema do *bullying*. Essas novelas, filmes e minisséries tiveram com principal público alvo crianças e adolescentes, para que elas entendessem que *bullying* é crime e não é brincadeira.



#### **4. O DEBATE SOBRE O BULLYING COM AS TURMAS QUERO-QUERO E ÁGUIAS DO CENTRO DE FORMAÇÃO TERESA VERZERI**

Neste capítulo apresentam-se informações e reflexões acerca do Estágio Supervisionado em Serviço Social I e II, desenvolvido no Centro de Formação Teresa Verzeri - CFTV, no município de São Borja, no período compreendido entre 2017/2 e 2018/1. Para seu desenvolvimento serão considerados os documentos produzidos durante este processo, ou seja, análise institucional (elaborada no estágio I), projeto de intervenção (elaborado no estágio I e executado no estágio II) e relatório final do estágio II.

Na primeira seção será contextualizada a instituição onde ocorreu o estágio supervisionado em Serviço Social, evidenciando a política de proteção social que desenvolve. Na sequência será contextualizado o desenvolvimento do projeto de intervenção “Não ao *Bullying* x Sim as diferenças”.

##### **4.1 O Centro de Formação Teresa Verzeri e a Proteção Social Básica da Política de Assistência Social**

O Centro de Formação Teresa Verzeri trabalha embasado pela Política de Assistência Social de nível de Proteção Social Básica, que visa exercer e ampliar os direitos embasados pelo ECA. Esta política realiza-se de forma integrada às políticas setoriais, considerando as desigualdades socioterritoriais, visando seu enfrentamento, à garantia dos mínimos sociais, ao provimento de condições para atender contingências sociais e à universalização dos direitos sociais. Organiza-se sob a forma pública não contributiva, descentralizada e participativa e é denominado como Sistema Único de Assistência Social (ORTIZ, 2015).

A referida política de proteção social visa proteger os indivíduos contra os riscos inerentes a vida humana e/ou assistir necessidades geradas no decorrer do processo, bem como viabilizar a emancipação dos sujeitos, o fortalecimento de vínculos e atender as múltiplas situações de vulnerabilidade socialmente expressas. O sistema de proteção social tem origem da necessidade de neutralizar ou reduzir os impactos de determinados riscos sobre o indivíduo e a sociedade. A proteção social da política de assistência social deve garantir as seguintes seguranças:

segurança de sobrevivência, de autonomia, de acolhida, de convivência familiar, de fortalecimento de vínculos, de apoio sociofamiliar e socioeducativo.

A proteção social básica tem como objetivos prevenir situações de risco por meio do desenvolvimento de potencialidades e aquisições, e o fortalecimento de vínculos familiares e comunitários. Destina-se à população que vive em situação de vulnerabilidade social decorrente da pobreza, privação (ausência de renda, precário ou nulo acesso aos serviços públicos, dentre outros) e, ou, fragilização de vínculos afetivos – relacionais e de pertencimento social (discriminações etárias, étnicas, de gênero ou por deficiência, entre outras) (BRASIL, 2004, p. 33).

A proteção social básica visa desenvolver, serviços, programas e projetos locais de acolhimento, de convivência e socialização de famílias e de indivíduos, onde os vínculos familiares e comunitários não foram rompidos. Nos Serviços da Proteção Social Básica da Resolução nº 109, de 11/11/2009, que aprova a Tipificação Nacional de Serviços Sócioassistenciais, observa-se que os serviços da proteção social básica que se encaixam no Centro de Formação Teresa Verzeri são o serviço de Proteção e Atendimento Integral à Família - PAIF, e o principal o serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos.

O CFTV realiza suas atividades sempre voltadas à emancipação do sujeito, seu desenvolvimento em sociedade e fortalecimento dos vínculos sociais, familiares e comunitários. O trabalho social com famílias é de caráter continuado, com a finalidade de fortalecer as relações familiares e prevenir a ruptura dos seus vínculos, promover o acesso de direitos e contribuir na melhoria de sua qualidade de vida. Os trabalhos são desenvolvidos em forma de oficinas, no turno inverso a escola, prevê o desenvolvimento das potencialidades das crianças e adolescentes, sua formação integral e o exercício da cidadania.

As demandas institucionais estão ligadas ao perfil dos usuários do Centro de Formação Teresa Verzeri, o qual é identificado através de análises das fichas dos educandos. Estas fichas são preenchidas a cada início de ano, ou ingresso do educando na instituição, sendo que as questões que compõe a mesma são direcionadas aos responsáveis das crianças e adolescentes.

O objetivo do Serviço Social na instituição é desenvolver o trabalho social, por meio da promoção humana, do exercício da cidadania e do compromisso emancipatório, considerando que para exercer a profissão, conforme seu objetivo e

as dimensões que a compõe, é necessário ser um profissional inovador, criativo, interventivo e investigativo, visto que:

Um dos maiores desafios que o Assistente Social vive no presente é desenvolver sua capacidade de decifrar a realidade e construir novas propostas de trabalho criativas e capazes de preservar e efetivar direitos, a partir de demandas emergentes no cotidiano. Enfim, ser um profissional propositivo e não só executivo (IAMAMOTO, 2012, p. 20).

Assim, o profissional busca ser propositivo e não só executivo, construindo alternativas criativas e capazes de preservar e efetivar direitos, a partir de demandas que se apresentam no seu dia a dia de trabalho.

O objeto de trabalho do Serviço Social é a questão social, que é oriunda da contradição entre capital e trabalho e possui múltiplas expressões. Para Netto (2001) a questão social teve início no século XIX, sendo um dos principais fenômenos do processo de industrialização: pauperismo.

Com efeito, se não era inédita a desigualdade entre as várias camadas sociais, se vinha de muito longe a polarização entre ricos e pobres, se era antiqüíssima a diferente apropriação e fruição dos bens sociais, era radicalmente nova a dinâmica da pobreza que então se generalizava [...] Foi a partir da perspectiva efetiva de uma eversão da ordem burguesa que o pauperismo designou-se como 'questão social' (NETTO, 2001, p. 42).

As expressões da questão social identificadas na instituição em que ocorreu o estágio foram muitas, tais como a vulnerabilidade, pobreza, desemprego, fome, miséria, fragilidade no vínculo familiar, risco social e principalmente o *bullying*. Vulnerabilidade como exposição a riscos e baixa capacidade material, simbólica e comportamental de famílias e pessoas para enfrentar e superar os desafios com que se defrontam.

Por vulnerabilidade social entende-se a condição "desfavorável" dada. É a condição objetivada situação de exclusão e que aumenta a probabilidade de um evento ocorrer. O que a identifica são processos sociais e situações que produzem fragilidade, discriminação, desvantagem e exclusão social, econômica e cultural (BRASIL, 2005, p. 6).

O profissional assistente social tem na questão social a base de sua fundação enquanto especialização do trabalho; ou seja, tem nela o elemento central da relação profissional e realidade. O assistente social é chamado para intervir nas

relações sociais cotidianas, visando à ampliação e consolidação da cidadania na garantia dos direitos políticos e sociais aos economicamente e socialmente vulnerabilizados.

O tema da vulnerabilidade social não é novo, uma vez que essa terminologia vem sendo usualmente aplicada por cientistas sociais de diferentes disciplinas há bastante tempo. O tema caracteriza-se por um complexo campo conceitual, constituído por diferentes concepções e dimensões que pode voltar-se para o enfoque econômico, ambiental, de saúde, de direitos, entre tantos outros. Ainda que essa temática venha sendo trabalhada ao longo de anos, cabe salientar que ela consiste em um conceito em construção, tendo em vista sua magnitude e complexidade (MONTEIRO, 2011).

As expressões da questão social impactam na subjetividade dos sujeitos (trabalhadores, crianças, adolescentes, idosos, pessoas com deficiência, mulheres, negros, homossexuais e suas respectivas famílias), causando sofrimento e preocupações, tendo em vista que muitas necessidades sociais não são atendidas, visto que as políticas sociais com as quais o assistente social vem trabalhando, não garantem o atendimento de todas as demandas da população.

Como exemplo de expressões da questão social, destaca-se que durante o estágio observou-se diversas situações de violência, como por exemplo, a verbal, a violência psicológica e moral. Estas compreendem atitudes de humilhação, constrangimento, exclusão, discriminação, intolerância à diferença e na negação do reconhecimento do outro. Além destas e/ou relacionado a estas formas de violência, identificou-se a presença do *bullying* nas relações estabelecidas entre crianças e adolescentes do CFTV. O *bullying* se caracteriza como um tipo de intimidação, um comportamento agressivo, um tipo de violência e uma situação caracterizada por agressões. Entre as crianças e adolescentes atendidas pela instituição, este tipo de violência se observava nas brincadeiras e nas conversas estabelecidas entre eles.

Nesta perspectiva, foi criado o projeto de intervenção “Não ao Bullying X Sim as Diferenças”, desenvolvido durante o estágio II, com oficinas semanais, que duravam aproximadamente 50 (cinquenta) minutos. Para o desenvolvimento do projeto, que visavam o debate e a reflexão sobre o tema, foram utilizados dinâmicas, filmes, atividades que visavam à expressão corporal, música e diálogos grupais.

## 4.2 Projeto de intervenção: Não ao Bullying X Sim as diferenças!

Segundo Santos (2013) a intervenção do assistente social é constitutiva de diferentes dimensões, as dimensões técnico-operativa, teórico-metodológica e ético-política que se configura pela articulação delas, as quais estabelecem a necessidade da profissão em responder as demandas da sociedade. Com essa compreensão destaca-se a dimensão técnico-operativa, em que a sua especificidade é a mais próxima da prática do assistente social, envolvendo um conjunto de estratégias, táticas e técnicas instrumentalizadas da ação, e que expressam uma determinada teoria, um método, uma posição teórico-metodológica e ético-política.

A dimensão técnico-operativa contém: existência de objetivos; busca pela efetivação desses objetivos; existência de condições objetivas e subjetivas para a efetivação da finalidade. Requer conhecer os sujeitos da intervenção; as relações de poder, tanto horizontais quanto verticais; o perfil do usuário - a natureza das demandas; o modo de vida dos usuários; as estratégias de sobrevivência; a análise e aprimoramento das condições subjetivas (SANTOS, 2012, p. 02).

Também segundo Santos (2012) a dimensão teórico-metodológico é a que define a intencionalidade e a direção na ação do profissional, dando possibilidades de instrumentos e técnicas para materializar sua intenção e também dando conhecimento teórico da realidade nos instrumentos de intervenção. O projeto ético-político do profissional assistente social que é a responsável pela escolha de instrumentos que vão ao encontro das finalidades e dos compromissos do assistente social assumindo o compromisso com a defesa dos direitos humanos, com a qualidade dos serviços prestados, com a luta em favor da equidade e da justiça social.

Os profissionais que coadunam com o projeto ético-político da profissão devem considerar os princípios e as normas para o exercício profissional contidas no Código de Ética do Assistente Social de 1996, como também, as disposições sobre o exercício da profissão contidos na Lei 8662/93 que dispõe sobre as competências e atribuições privativas do assistente social. Além das competências teórico-metodológica e ético-política encontram-se, também, a competência técnica, relacionada à habilidade do profissional na utilização dos seus instrumentos de trabalho, que condiciona a qualidade técnica da ação profissional (SANTOS, 2012, p. 03).

Considerando estas dimensões do exercício profissional do Assistente Social foi criado o projeto de intervenção “Não ao Bullying X Sim as Diferenças”, que

ocorreu uma vez por semana com o grupo Quero-Quero e o grupo Águias, e abordou sobre diferenças e não ao preconceito. Teve seu início no mês de abril do ano de 2018, e terminou no mês de junho do ano de 2018. Foram desenvolvidos 7 (sete) encontros juntamente com os dois grupos, os quais totalizaram 33 (trinta e três) educandos/as sendo 17 (dezesete) da turma Quero-Quero e 16 (dezesesseis) da turma Águias. A idade do público-alvo compreendia 10 (dez) a 16 (dezesesseis) anos de idade.

Como já destacado anteriormente, a operacionalização das oficinas se deu com o uso de dinâmicas, vídeos, cartazes, músicas, desenhos animados e diálogos abertos com os educandos /as dos grupos, sobre a temática proposta. No quadro abaixo se pode observar o número de encontros realizados e as atividades desenvolvidas, as quais, posteriormente, serão contextualizadas e problematizadas.

Tabela 3: Atividades desenvolvidas no CFTV.

Tema	Data/ horário	Atividades	Profissional
<b>1º Encontro: O que é bullying</b>	27/03- Das 14h 10min às 15h	Ocorreu a apresentação do projeto Não ao Bullying X Sim as Diferenças, aos grupos Quero-quero e Águias, bem como a temática e ações que serão desenvolvidas. E foi explicado o que é o bullying com uma breve introdução digitada e entregue para os educandos.	Estagiarias do serviço social: Angela Nenê e Rosane Antunes são as responsáveis pelo projeto.
<b>2º Encontro: Bullying e suas manifestações</b>	10/04- Das 14h 10min às 15h	Nesse encontro foi um espaço de diálogo com os educandos dos grupos, para que todos puderam trazer considerações pessoais sobre o bullying e as vivências e os impactos do bullying em suas vidas, também se os educandos já vivenciaram ou observaram alguma situação de bullying e onde ocorreu essa situação.	Estagiarias do serviço social
<b>3º Encontro: as diferenças étnicas</b>	24/04- Das 14h 10min às 15h	O assistente social da instituição fez uma fala sobre as diferenças étnicas (preconceito, racismo, discriminação e gênero), pois o preconceito, racismo, discriminação e gênero são formas de bullying que crianças e adolescentes, sofrem com esse tipo de bullying.	Estagiarias do serviço social e convidado, que foi o assistente social da instituição.

<b>4º Encontro: reflexão sobre bullying</b>	08/05- Das 14h 10min às 15h	Foram trabalhados dois vídeos sobre o bullying, com o objetivo de mostrar para os educandos que bullying tem diversas formas e que isso é errado, é crime, e muitas vezes prejudica com o futuro de uma criança ou adolescente.	Estagiarias do serviço social
<b>5º Encontro: as suas diferenças</b>	22/05- Das 14h 10min às 15h	Nesse com a Psicóloga Viviane fez uma fala baseado nos valores humanos sobre a importância do respeito ao próximo e as suas diferenças. Com isso para que os educandos passam entender que ser diferente não é errado, que cada um pode ser do seu jeito, que não tem que ser como os outros querem.	Estagiarias do serviço social e a psicóloga da instituição
<b>6º Encontro: dúvidas e informações.</b>	05/06- Das 14h 10min às 15h	Ocorreram relatos sobre o que o projeto Não ao Bullying X Sim as Diferenças, proporcionou a eles e momento que foi informando as dúvidas das crianças e adolescentes e momento com música para reflexão.	Estagiarias do serviço social
<b>7º Encontro: encerramento do projeto.</b>	19/06- Das 14h 10min às 15h	Foi aplicado o questionário com perguntas fechadas com isso o encerramento do projeto de intervenção. Não ao Bullying X Sim as Diferenças.	Estagiarias do serviço social

Fonte: Santos (2018).

No primeiro encontro foi realizada a apresentação do projeto e das responsáveis<sup>4</sup> pelo mesmo para as crianças e adolescentes das turmas Quero-Quero e Águias. Na sequência problematizou-se algumas características conceituais sobre o *bullying*. Para finalizar, as crianças e adolescente tiveram que responder: O que é *bullying* para você? Na sequência algumas das respostas de algumas crianças e adolescentes:

O educando/a “x” respondeu: o bullying é uma violência, com a cor, estilo do corpo físico, situação econômica, outra/o a/o “y” relatou: meu colega é chamado de relinjo porque ele é dos poucos que tem relógio. Outro/a o/a “z” que é chamada de garrafinha, pois as colegas dizem que ela cada dia vem com um copo ou garrafinha diferente (ALUNO 01).

<sup>4</sup> Esse projeto de intervenção do Estágio Supervisionado em Serviço Social II foi elaborado pelas alunas Angela Nenê dos Santos e Rosane Antunes, do curso de Serviço Social da Universidade Federal do Pampa, campus São Borja.

E tiveram vários outros apelidos como ratinho, coelha, wiffi, boto cor de rosa e outros. Eles relatam o conhecimento de que isso é *bullying* e que o *bullying* pode até levar a morte, ao suicídio, tendo em vista a gravidade de algumas situações.

O bullying geralmente é feito contra alguém que não consegue se defender ou entender os motivos que levam a tal agressão. Normalmente, a vítima teme os agressores, seja por causa da sua aparente superioridade física ou pela intimidação e influência que exercem sobre o meio social em que está inserido. O bullying pode ser praticado em qualquer ambiente, como na rua, na escola, na igreja, em clubes, no trabalho e etc. Muitas vezes é praticado por pessoas dentro da própria casa da vítima, ou seja, pelos seus próprios familiares (DICIONÁRIO ON-LINE, 2019, s/p).

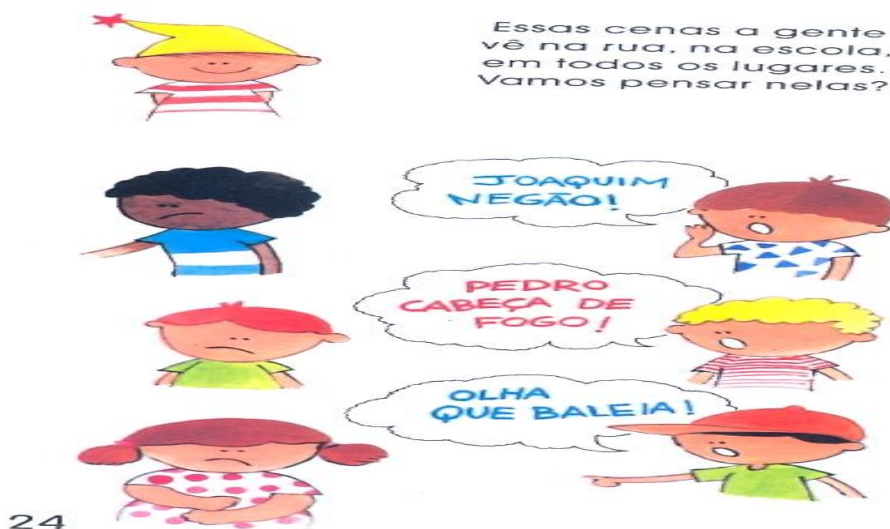
Com o primeiro encontro foi possível perceber que as crianças e adolescentes da instituição a qual foi aplicado o projeto de intervenção, não tinham a consciência de que eles/as estavam cometendo bullying com os apelidos e não sabiam que isso podia prejudicar futuramente no desenvolvimento da criança ou adolescente que estava sofrendo com o apelido, e assim eles compreenderam que bullying não é brincadeira.

No segundo encontro ocorreu um espaço de diálogo sobre *bullying*, o qual proporcionou que todos puderam trazer considerações pessoais sobre o *bullying* e fortalecer o protagonismo dos/as adolescentes. Foi possibilitado a eles um espaço de escuta e discussão acerca de suas vivências e dos impactos do *bullying* em suas vidas.

Nesse dia ocorreu uma dinâmica com os grupos, foram distribuídas as crianças e adolescentes papéis em branco e canetas coloridas, para eles/as responderem: Como eles foram apelidados/as? A atividade foi introduzida com a exposição da imagem que segue abaixo, essa figura ajudou na melhor compreensão das crianças e adolescentes que estavam presentes nesse dia, sobre os apelidos por conta da forma física, como da cor, peso ou formato diferente do seu estereótipo de beleza.

Figura 2: Imagem sobre *bullying* nos diferentes lugares.





Fonte: Baleia Pedagógica (2011)<sup>5</sup>.

Os apelidos fazem parte do dia a dia e as ações de apelidar é uma forma de classificação ampla, podendo ser positiva, se aceita pela pessoa a que foi apelidada, ou negativa, se a pessoa não concorda com o apelido e causa-lhe constrangimento. Então entende-se que o apelido pode prejudicar a formação da criança ou adolescente, causando assim a possível destruição e/ou danificação da representação pessoal, por conseguinte da autoestima.

Toda a preocupação do adolescente em encontrar um papel social provoca uma confusão de identidade, afinal, a preocupação com a opinião alheia faz com que o adolescente modifique o tempo todas suas atitudes, remodelando sua personalidade muitas vezes em um período muito curto, seguindo o mesmo ritmo das transformações físicas que acontecem com ele (RABELLO; PASSOS, 2014, p. 09).

Constatou-se através da leitura posteriormente dos papéis, que entre os educandos presentes já haviam sofrido ações relacionadas com o *bullying*, na sua maioria haviam sofrido *bullying* pelo estereótipo de beleza (gordo, magra), em sequência o preconceito racial. Sobre o estereótipo de beleza como já abordado no primeiro capítulo, até os dias atuais ainda existe uma mídia que faz principalmente crianças e adolescentes a pensarem que para elas se encaixarem na sociedade tem que ser do jeito que a mídia diz, com uma beleza radiante.

<sup>5</sup> Imagem disponível em < <https://www.papodegordo.com.br/2011/01/03/a-baleia-pedagogica-analise-apelido-nao-tem-cola/>>.

Já o preconceito racial ainda nos dias atuais, mesmo sendo considerado crime com a Lei Caó, que desde 1989, tipificou o crime de racismo no Brasil, esse crime hoje em dia é imprescritível e inafiançável no país. Além de ser utilizada nos casos de ofensa à honra pessoal, valendo-se de elementos ligados à cor, raça, etnia, religião ou origem. Mas mesmo com a lei acontece muito principalmente com crianças e adolescentes mais vulneráveis economicamente.

A ideia preconcebida de “preto correndo é ladrão parado é suspeito” está instituído no imaginário social coletivo da população. [...] Estranhamente aquela noção de parecer ser algo que deve ser naturalizado como procedimento comum se instaura. Reconhecemos a existência de preconceito racial no Brasil. [...] A perversidade do racismo à brasileira alcança outros patamares que bem conhecemos (SILVA, s/d, s/p).

No terceiro encontro: as diferenças étnicas trabalhou-se nesse encontro o conceito de etnia, (preconceito, racismo e discriminação), foi convidado o assistente social da instituição Marlon Jara, para abordar sobre o tema. Posterior a esse momento, foi trazido à discussão sobre o que é gênero, visando conhecer como se identifica o sexo masculino (homem) e o sexo feminino (mulher). Sendo assim os educandos fizeram reflexões sobre racismo e violência de gênero.

Segundo Faleiros (2007), alguns estudos demonstram que o desenvolvimento econômico, cultural e social do Brasil é marcado pela colonização e escravidão, que gerou uma sociedade escravagista, elites oligárquica dominantes em cujo imaginário social está relacionada à ideia de que podem explorar e dominar categorias sociais marginalizadas e/ou inferiorizadas em função da raça/etnia, gênero e idade. E com isso veio a discriminação por conta de suas diferenças étnicas.

As diferenças étnicas são as diferenças entre pessoas que possuem cor, altura, religião, língua, costumes de falar e gírias, diferentes de outros lugares, por exemplo, como quem vive em áreas continentais tem como base a agricultura, indústria, tem uma vida mais tecnológica, entre tanto quem vive em ilhas possuem uma base na pesca, e são mais humildes tecnologicamente. E muitas vezes as diferenças étnicas servem como meio de preconceito, racismo e até mesmo principalmente entre crianças e adolescentes como *bullying* (FALEIROS, 2007).

Nesse encontro também foi abordado as situação de gênero, que segundo Jesus (2012), define ser a classificação pessoal e social das pessoas como homens ou mulheres. Orienta papéis e expressões de gênero, independente do seu sexo. A

identidade de gênero com o qual uma pessoa se identifica que pode ou não concordar com o gênero que lhe foi atribuído quando nasceu. A identidade de gênero também não deve ser confundida com orientação sexual: a primeira remete à forma como as pessoas auto se identificam como mulheres ou homens, a segunda remete à questão da sexualidade, do desejo, da atração afetiva e sexual por alguém de algum gênero (homossexualidade, bissexualidade e heterossexualidade). Foi esse o tema abordado nesse encontro.

No quarto encontro: foi passado um filme sobre *bullying*, neste encontro seria um filme, porém o tempo não era suficiente para assistir ao filme que teria a duração de 1h e 15 min (uma hora e quinze minutos) o filme seria *Bullying* provocações sem limites. Então foram aplicados dois vídeos, um com curta animação com desenho animado, aproximadamente 8 (oito) minutos com o título “Que papo é esse” e outro como uma série com 25 (vinte e cinco) minutos com o título “Um Menino Maluquinho. Por que comigo?”. Com o objetivo das crianças e adolescentes fazerem uma reflexão sobre o *bullying* e a seguir foram algumas das suas falas:

O educando/a “x” falou, que as vítimas de bullying têm que contar aos seus pais, por que o adolescente que era vítima no desenho animado não conseguia contar a seus pais e devido a isso o adolescente não tinha mais vontade de ir à escola sentindo-se ofendido por que sofria bullying. Assim que ele contou a sua mãe mudou sua situação.

Sendo assim ficou exposto para todos que o *bullying* é responsabilidade de todos na escola (alunos e professores), e que a diferença existe para cada um ser diferente no que faz e que ser diferente não é errado, pois cada um tem o seu próprio jeito de ser.

No quinto encontro trabalharam-se Valores Humanos, destacando-se a importância do respeito ao próximo e as suas diferenças. Neste encontro abordou-se o tema preconceitos e depois a contextualização de alguns dos principais tipos de preconceito.

Para isso foi convidada a psicóloga da instituição Viviane, para abordar sobre o tema. Sobre o preconceito foi trazido um *slide* com diferentes formas de preconceitos. Na sequência houve discussões sobre preconceitos. Ficando que muitas vezes a vítimas de ações de *bullying* não sofre essas ações somente na escola, mas dentro de sua própria casa, ou seja, na sua família. Mostrando com isso a importância da família em ter conhecimento sobre o assunto.

O preconceito é uma opinião preconcebida sobre uma pessoa, um fato ou uma situação, se origina em um juízo de valor que é determinado sem reflexão ou conhecimento do assunto e da realidade. Existem vários tipos de preconceitos sofridos principalmente por crianças e adolescentes e até mesmo por adultos, como:

- O preconceito racial que se caracteriza por um sentimento de discriminação perante pessoas que pertencem à outra etnia ou outra raça, sendo a discriminação devida ao fato de que se considerada o outro inferior. Essa é uma das formas mais comuns de manifestação deste preconceito em relação a pessoas negras. Entretanto, existem outras formas de manifestação preconceituosa, como ocorre com estrangeiros em um país diferente do seu local de nascimento. Neste caso o preconceito é chamado de xenofobia (XAVIER, 2015).
- O preconceito social também é chamado de preconceito de classe social, ou seja, é relacionado ao sentimento preconceituoso ligado ao status social ocupado por uma pessoa. É um preconceito que, normalmente, se encaixa nas diferenças entre ricos e pobres (XAVIER, 2015).
- O preconceito religioso é quando existe um sentimento de desprezo, desvalorização ou de superioridade de uma pessoa em relação à outra. A motivação desse sentimento é ligada à religião, à fé ou a um conjunto de crenças. E se manifesta através de atitudes de falta de tolerância com a crença de outras pessoas, sendo assim chamado de intolerância religiosa (XAVIER, 2015).
- O preconceito de orientação sexual é o julgamento a partir de ideias preconcebidas em relação às pessoas que pertencem à comunidade LGBT. Nesse grupo são incluídas as lésbicas, os gays, os bissexuais e os transexuais, também é chamado de homofobia, é o sentimento de repulsa ou de aversão às pessoas homossexuais. Muitas vezes podem ter motivações religiosas ou culturais, e têm como consequência atos de intolerância e de violência contra os homossexuais (XAVIER, 2015).
- O preconceito de gênero é a ideia de que uma pessoa, por pertencer a um determinado gênero, possui menos valores ou capacidades do que outras. Esse tipo de preconceito é muito comum em relação às mulheres, sendo especificamente chamado de misoginia (XAVIER, 2015).

E, por fim, o preconceito linguístico é definido como o preconceito entre pessoas que falam o mesmo idioma, porém com diferenças, que podem existir por diversas razões. O preconceito linguístico pode se manifestar como um desrespeito ao sotaque, à forma de articulação da linguagem, aos erros gramaticais ou ao uso de expressões regionais, por exemplo, em razão da extensão territorial, possui inúmeros sotaques e modos de falar, devido às diferentes regionalidades (XAVIER, 2015).

No sexto encontro do projeto “Não ao Bullying e Sim as diferenças”, estava previsto um espaço para que os educandos relatassem o que o projeto de intervenção proporcionou a eles e o que eles acharam e se eles tinham alguma dúvida. Foi um momento em que eles perguntaram e as responsáveis pelo projeto esclareceram e informaram as dúvidas dos educandos. Para auxiliar nesse diálogo foi utilizada uma música que abordava o *bullying*. Na sequência foram distribuídas cartolinas para os educandos para que em grupos desenhassem ou escrevessem frases sobre o que é *bullying* e qual o rompimento com as situações de violências, e o que eles tinham entendido de todos os outros encontros.

No sétimo encontro, foi aplicado um formulário com perguntas fechadas que tinha por objetivo avaliar o que eles tinham entendido e se tinham tido aproveitamento do projeto de intervenção para fortalecer o vínculo com os amigos e colegas e para ver se algum estava sofrendo com o *bullying* na instituição para que com isso o profissional assistente social e os outros profissionais da instituição dessem continuidade no trabalho desenvolvido com os educando individualmente e pudessem romper com o *bullying* na instituição.

A seguir, o formulário com as questões aplicadas na pesquisa do projeto de intervenção: “Não ao Bullying X Sim as Diferenças”.

Tabela 4: Questionário aplicados aos alunos que participaram do projeto “Não ao Bullying X Sim as Diferenças”.

Nome do educando:	
Grupo:	
Idade:	
1- Sexo: ( )Feminino ( )Masculino ( )não	9- Você já presenciou colegas sofrendo

quer responder.	bullying? ( )Não ( )as vezes ( )toda a semana ( )todos os dias ( )só uma vez ( )Não quer responder.
2- Como você se sente na escola? ( )Bem ( )Com Medo ( )Sozinho ( )Excluído ( )Seguro ( ) não quer responder.	10- Como você se sentiu após presenciar os seus colegas sofrendo o bullying? ( ) não senti nada ( )me senti mal ( )me senti bem ( )foi engraçado ( )senti pena da pessoa ( )Não quer responder.
3- Você já sofreu bullying? ( )sim ( )Não ( ) Não quer responder.	11- Oque você fez quando presenciou alguém sofrendo bullying? ( ) não fiz nada ( ) contei para minha mãe ( ) contei para meus amigos ( ) contei para o professor(a) ( ) chamei um adulto ( ) não quer responder.
4- Como você se sentiu após sofrer bullying? ( )Mal ( )Bem ( )Irritado ( )Com Medo ( )Não senti nada ( )Não quer responder.	12- Na tua opinião, por que alguns colegas cometem o bullying com os outros? ( )por brincadeira ( )porque querem dominar o grupo ( )porque são mais fortes ( )porque a vitima é diferente ( )porque querem ser populares ( )Não quer responder.
5- Como você reagiu após sofrer bullying? ( )Não fiz nada ( ) chorei ( )Fugi ( )revidei ( ) contei para a minha família ( ) contei para o professor(a) ( ) Não quer responder.	13- Você já cometeu bullying com os colegas? ( )Não ( )Sim ( )as vezes ( )sempre ( )só uma vez ( )Não quer responder.
6- De que maneira você tem sofrido bullying? ( )com apelidos ( )com ameaças ( )me xingam ( )me insultaram por minhas características física ( )me baterão ( )Não quer responder.	14- Que tipo de bullying você cometeu com os colegas? ( ) não cometi ( )coloquei apelidos ( )xinguei ( )briguei ( )insultei por causa da característica física ( )Não quer responder.
7- Onde você sofreu Bullying? ( )na escola ( )na rua ( )em casa ( )em sala de aula com o professor ( )em sala de aula sem o professor ( )Não quer responder.	15- Porque você cometeu bullying com os colegas? ( ) não cometi ( )por brincadeira ( )porque quero ser popular ( )porque eles são diferente de min ( )porque sofro maus ratos em casa e faço o mesmo com os colegas ( )Não quer responder.
8- Quem cometeu o bullying com você? ( )meninos ( )meninas ( )Meninos e meninas ( )conhecidos ( )desconhecidos ( )Não quer responder.	16- Como você se sentiu após cometer o bullying com os seus colegas? ( ) não cometi ( )mal ( )bem ( )foi engraçado ( )senti pena da pessoa ( )Não quer responder.

Elaboração: das autoras.

No dia em que o formulário foi aplicado estavam presentes 14 educandos da turma Quero-Quero e 12 educandos da turma Águias. Compreendiam crianças e adolescentes entre a idade de 10 a 16 anos, entre eles um com 10 anos, oito com 11 anos, três com 12 anos, quatro com 14 anos, um com 16 e cinco não foi identificado a sua idade. Do total, treze crianças e adolescentes eram do sexo feminino, onze do sexo masculino e dois que não quiseram responder a questão por motivos pessoais.

Considerando a pergunta, como você se sente na escola? Dezoito responderam que se sentiam bem, nenhum com medo, dois se sentiam sozinho/a, um se sentia excluído/a, nenhum se sentia seguro/a e entre essas crianças ou adolescentes cinco não quiseram responder por motivos pessoais.

Resposta educando "x": tem gente que eu não gosto, tem! Tem inspetores que enchem saco, tem! Tem diretora que é legal com você, tem! Tem a que enche o saco, tem! Tem, tem tudo. É praticamente um Zoológico, você acaba se surpreendendo com aquela escola. Sempre tem um tipo de animal novo, dentro da sala, fora da sala, sempre tem. A gente não fica no tédio. Educando "y" um saco. Escola não é para ser legal, nenhuma escola é legal.

Com isso deu para perceber que quem realmente não gosta da escola alguma coisa estava acontecendo e que provavelmente isso estava ligado com o bullying, então isso foi investigado com mais atenção e foi tomadas suas devidas providencias, estas providencias foram feitas pelo assistente social juntamente com a psicóloga da instituição e com os pais e responsáveis destas crianças e adolescentes.

Em relação à pergunta você já sofreu *bullying*? Vinte e uma das crianças e adolescentes presentes no dia da pesquisa responderam que sim, apenas quatro das que estavam no dia responderam que não e um/a não quis responder a essa questão.

Com essa pergunta me questiono sobre os gestos desastrosos que cometemos um contra os outros. Podem ser palavras que nada dizem, mas provocam a dor física, ou até mesmo agressões que machucam o corpo e a alma, levando até mesmo a destruir a vida de quem é perseguido. São tão nocivos que podem até matar. Praticar bullying é tão rotineiro que nem percebemos, ou não fazemos consciência sobre o quanto pode ser prejudicial essa violência na vida de uma criança ou adolescente. Enfim. Quem nunca sofreu?

E na pergunta como você se sentiu após sofrer *bullying*? Treze responderam que se sentiram mal, nenhum se sentiu bem, dez se sentiram irritado, nenhum se sentiu com medo, um não sentiu nada e cinco não quiseram responder por motivos pessoais.

Em relação a essa pergunta percebe-se que na maioria das crianças e adolescentes que sofreram com o *bullying*, elas se sentiram irritado, mal e ate mesmo com medo, pois ficaram com medo de contar para algem e ser pior, e assim ficando cada vez com mais angustia e ate mesmo querendo desistir de ir a escola ou lugar que sofreu a violência.

Na pergunta como você reagiu após sofrer *bullying*? Entre as crianças e adolescentes presentes seis responderam que não fizeram nada, quatro que choraram, nenhum deles/as fugiu, quatro revidaram o *bullying* sofrido, oito contaram para a sua família, quatro contaram para o professor(a) e oito não quiseram responder por motivos pessoais.

Sobre essa pergunta foi possível perceber que na maioria as crianças e adolescentes perceberam que estavam sabendo uma violência e contaram para os pais ou para alguém próximo a eles que puderam ajudar a resolver essa situação.

Em relação a seguinte pergunta de que maneira você tem sofrido *bullying*? Dezesete responderam que com apelidos, um com ameaças, dois com xingamentos, três com insultos por contas das suas características físicas, dois por meios violentos fisicamente e sete dessas crianças e adolescentes não quiseram responder. O que mais chama a atenção é que a maioria sofre ou já sofreu *bullying*, com apelidos ligados a sua forma física ou a situação econômica da família.

Na seguinte pergunta onde você sofreu *bullying*? Dezesete responderam que na escola, um que sofreu na rua, nenhum em casa, nove em sala de aula com o professor, oito em sala de aula sem o professor e oito não quiseram responder por motivos pessoais. Na maioria das respostas estas crianças e adolescentes sofreram com o *bullying* na escola.

Quem cometeu o *bullying* com você? Nessa pergunta nove responderam que foi meninos que cometeram o *bullying* contra, quatro que foi meninas, onze responderam que sofreram *bullying* por ambos, dois por conhecidos dois por desconhecidos e cinco não quiseram responder. Deu para perceber que quem comete mais *bullying* é meninos contra meninos e meninas, e meninas cometem mais contra meninas.



Você já presenciou colegas sofrendo *bullying*? Em relação a essa pergunta três responderam que não, dezesseis que às vezes um que toda a semana presenciou três que todos os dias presenciaram colegas sofrendo bullying, dois que só uma vez e um não quis responder por motivos pessoais. Na maioria das respostas já presenciaram alguém sofrendo essa violência.

Como você se sentiu após presenciar os seus colegas sofrendo o *bullying*? Nessa questão dois falou que não sentiram nada, nove que se sentiram mal, um que se sentiu bem, quatro responderam que foi engraçado, nove que sentiram pena da pessoa que sofreu o *bullying* e quatro não quiseram responder. Na maioria se sentiram mal.

O que você fez quando presenciou alguém sofrendo *bullying*? De acordo com essa pergunta onze responderam que não fizeram nada, um que contou para sua mãe, cinco que contaram para os seus amigos, dois que contaram para o professor/a, um que chamou um adulto, quatro não quiseram responder. Percebe-se que nessa pergunta a maior parte deles respondeu que não fizeram nada por medo de se tornarem alvo dos agressores. E nessa questão teve outras respostas, fora às opções para marcar respostas as seguintes:

“Na verdade fiz a pessoa parar de fazer isso”  
“pedi para o autor parar e se olhar”  
“defender quem esta sofrendo bullying”

Na tua opinião, por que alguns colegas cometem o *bullying* com os outros? Dez crianças e adolescentes responderam que por brincadeira, seis que porque os que cometem o *bullying* querem dominar o grupo, quatro porque são mais fortes que os outros, cinco pelo simples motivo de a vítima ser diferente, sete os agressores querem ser populares e três não quiseram responder. Nessa pergunta pode ser notada que a maioria acredita que o bullying é cometido por brincadeira, e nessa questão também teve outras respostas, fora às opções para marcar respostas as seguintes: “por inveja”.

Na questão você já cometeu *bullying* com os colegas? Onze responderam que não, oito que sim, três que as vezes já cometeram, nenhum que sempre, quatro que só uma vez cometeram o *bullying* e um não quis responder por motivos pessoais.

Em relação que tipo de *bullying* você cometeu com os colegas? Oito responderam que não cometeram nenhum tipo de *bullying*, nove que cometeram colocando apelidos nos outros, dois que xingaram o colega, três que brigaram, quatro com insultos por causa da característica física e dois não quiseram responder.

Porque você cometeu *bullying* com os colegas? Oito responderam que nunca cometeram seis que comeram por brincadeira, nenhum por querer ser popular, dois porque eles eram diferente do que cometeu o *bullying*, um porque sofreu maus tratos em casa e fez o mesmo com os colegas e sete não quiseram responder. E nessa questão também teve outras respostas, como se observa: “por fatos que ninguém entende”; “porque estava irritada”.

E para finalizar a última questão como você se sentiu após cometer o *bullying* com os seus colegas? Oito responderam que não cometeram cinco que se sentiram mal, nenhum que se sentiu bem, cinco que foi engraçado, quatro que sentiu pena da pessoa que ele cometeu o *bullying* e quatro não quiseram responder. E nessa questão também teve outras respostas fora às opções para marcar resposta as seguintes: “nada”.

Com as respostas das crianças e adolescentes é possível fazer a análise de que a maioria deles/as sofre ou já sofreram com o *bullying*, principalmente com os apelidos por conta de sua forma física ou por conta da situação financeira de sua família. Outro detalhe que deu para ser percebido foi que essa violência não foi cometida só por parte de crianças e adolescentes, e que também foi cometida essa agressão por parte dos próprios familiares, principalmente em relação ao estereótipo de beleza. O que chama mais a atenção que crianças e principalmente adolescentes acham que todos devem ter uma aparência só, e isso é um preconceito que vem de dentro da própria casa da criança e adolescente.

Com isso percebe-se que é importante que não só as crianças e adolescentes tenham um entendimento sobre o *bullying* e as diversas formas de violências e sobre as muitas consequências que esse tipo de violência traz na vida de uma criança ou adolescente. Assim entende-se que é muito importante que os adultos, como os pais, avós, irmãos, tios e até mesmo os vizinhos tenham conhecimento do *bullying* e saibam como lidar com essa situação, e principalmente se for uma situação grave que denunciem, para ajudar a criança ou adolescente.

O projeto de intervenção “Não ao Bullying x Sim as Diferenças” objetivou propiciar aos/as adolescentes espaços de reflexão crítica sobre o *bullying* e as suas múltiplas manifestações, com vistas a fortalecer essa população para a identificação e rompimento com as situações de violência. O processo de apreensão do andamento das oficinas e das demandas que surgirem se deu por meio da escuta sensível e da observação participante.

Assim buscaram-se então formas de intervenção para enfrentamento todas essas manifestações da questão social que é o objeto de trabalho do assistente social com o objetivo de fortalecer os educandos para a identificação e rompimento com as situações de violência.

Para tanto, foi proposto às reflexões relacionadas aos diversos preconceitos presentes em nossa sociedade, relacionados às diferenças de raça, etnia, gênero e aos estereótipos que reforçam padrões de beleza. Dessa forma, a intenção é compreender os atos de violência causada pelo *bullying* considerando o meio cultural e social.

A contribuição do profissional na instituição foi de fundamental importância, entendendo que o *bullying* também é uma das expressões da questão social e, portanto, objeto de intervenção do assistente social, sendo o profissional capaz de contribuir para o entendimento da essência desse fenômeno e de traçar estratégias de intervenção, junto aos adolescentes. A intenção do projeto foi possibilitar e fortalecer o protagonismo das crianças e adolescentes possibilitando-lhes espaço de escuta e discussão acerca de suas vivências e dos impactos do *bullying* em suas vidas.

Com base na avaliação realizada pelos adolescentes, escrita e verbal, é possível afirmar que o projeto “Não ao Bullying X Sim as Diferenças”, teve reatamento em seu cotidiano e, logo, êxito em seus entendimentos em relação ao *bullying*. Na íntegra, houveram manifestações positivas quanto ao desenvolvimento do projeto, sendo destacado também o desejo pela sua continuidade.

Desta forma, constatou-se que o processo de reflexão se tornou efetivo, mediante aos esclarecimentos e debates que se materializaram durante cada encontro, como já mencionados. Considerando que se conseguiu realizar acolhimento individual, quando se fez necessário diretamente com o assistente social e com a pedagoga e psicóloga, também se oportunizou espaço para diálogo com a pedagoga sobre as crianças e adolescentes pertencentes à instituição. Nessa

conversa ela relatou a necessidade de continuidade do projeto, pois está cada vez mais evidente a situação de *bullying* na instituição, esse relato foi devidamente repassado para o assistente social. No projeto criou-se durante as intervenções momentos de acolhimento em grupo possibilitando uma participação ativa, propondo condicionantes para o desenvolvimento individual e coletivo, a partir das temáticas de cada encontro.

Ocorreram fatores estes que intensificaram a necessidade imediata de, após o término do projeto, se continuar trabalhando com as crianças e os adolescentes. Com isso observou-se que o projeto de intervenção possibilitou esse espaço e também trouxe muitas outras inquietações que o assistente social decidiu dar prosseguimento com o projeto e dar mais orientações para os educandos.

Entende-se que o Serviço Social é uma profissão interventiva e tem como objeto de trabalho da questão social e suas expressões manifestadas pelo desemprego, à miséria, a violência, à exclusão social e os movimentos de resistência lamamoto:

É nesta tensão entre produção de desigualdade e produção de rebeldia e da resistência que trabalham os Assistentes Sociais, situados nesse terreno movido por interesses sociais distintos, aos quais não é só possível abstrair ou deles fugir porque tecem a sociedade (IAMAMOTO, 2010, p. 28).

O *bullying* ao se caracterizar como violência, pode ser compreendida como questão social, sendo que a mesma é uma expressão das manifestações da questão social, onde ela é objeto de intervenção do profissional de serviço social (ARAÚJO; SILVA, 2015).

Foi verificado como o *bullying* vem se desenvolvendo nas instituições, identificando as possíveis causas que levam os/as adolescentes a se tornarem autores de *bullying* e suas consequências. Desta forma, buscam-se fortalecer o protagonismo dos/as crianças e adolescentes possibilitando-lhes espaço de reflexão acerca de suas vivências e dos impactos do bullying em suas vidas, para assim minimizar esse fenômeno nas instituições.

Os assistentes sociais, sendo um profissional que busca a garantia dos direitos, da cidadania e da justiça social, para os usuários da instituição a qual ele/a está vinculado/a, se baseiam no Código de Ética dos Assistentes Sociais que dá uma direção para profissão. Nele encontram-se princípios fundamentais que devem

nortear as práticas destes profissionais em um de seus princípios, o “empenho na eliminação de todas as formas de preconceito, incentivando o respeito à diversidade, à participação de grupos socialmente discriminados e à discussão das diferenças” (CFESS, 2011, p. 20-21).

O Serviço Social pode contribuir ainda na prevenção do *bullying* por meio de programas que promovam o conhecimento sobre o tema e fornecendo informações sobre essa prática, podendo promover o diálogo entre vítimas, agressores e comunidade. Sua prática visa ao “fortalecimento de direitos e, ao mesmo tempo, ao processo de ensino-aprendizagem, trabalhando a autoestima de crianças e adolescentes, pois ser cidadão é direito” (COUTINHO; RIBEIRO; BARRETO, 2012, p. 99).

Segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA (1990) em seu art. 4º prevê:

É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, à profissionalização, à cultura, à dignidade ao respeito, à liberdade e a convivência familiar e comunitária (BRASIL, 1993, s/p).

Então assim como prevê o ECA toda a criança e adolescente tem direito a segurança e com isso de saber que pode denunciar qualquer tipo de violência que venha ser cometido contra ela, e por qualquer outra pessoa.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho possibilitou refletir sobre o *bullying* e as suas consequências na vida da criança e do adolescente, com vistas a ampliar o entendimento sobre esse tipo de violência, e principalmente para atingir uma compreensão da realidade do tema, para isso definiram-se três objetivos específicos. Os objetivos específicos, de contextualizar as diferentes formas de manifestação da violência contra crianças e adolescentes; de problematizar o *bullying* enquanto forma de violência contra crianças e adolescentes, enfatizando seus elementos históricos, conceituais e legais e o de apresentar os resultados obtidos a partir do desenvolvimento do projeto de intervenção “Não ao Bullying X Sim as diferenças”.

O trabalho de conclusão de curso II foi dividido em quatro capítulos, no primeiro capítulo veio à introdução, no capítulo dois foi explicando a violência contra crianças e adolescentes, trazendo dois subtítulos o que explica as diversas formas de violência contra crianças e adolescentes, e o que traz o *bullying*, seus históricos e legais. No capítulo três teve uma breve explicação das consequências do *bullying* na vida de crianças e adolescentes; perfil das vítimas e dos agressores, com um subtítulo trazendo algumas considerações sobre as principais consequências do *bullying* e a evasão escolar como consequência desta forma de violência.

E no capítulo quatro um breve relato do debate sobre o *bullying* com as turmas quero-quero e águias do Centro de Formação Teresa Verzeri, e dois subtítulos o primeiro com uma breve contextualização da instituição, Centro de Formação Teresa Verzeri e a Proteção Social Básica da Política de Assistência Social, e o segundo com uma breve contextualização do Projeto de intervenção: “Não ao Bullying X Sim as diferenças”, trazendo dados do relatório final de Estágio Supervisionado em Serviço Social I e II. Desta forma, buscam-se fortalecer o protagonismo dos/as crianças e adolescentes possibilitando-lhes espaço de reflexão acerca de suas vivências e dos impactos do *bullying* em suas vidas, para assim minimizar esse fenômeno nas instituições e na sociedade em que estas crianças e adolescentes estão vinculadas.

Tudo foi realizado com procedimentos metodológicos de uma pesquisa bibliográfica e documental, considerando os documentos de Estágio Supervisionado em Serviço Social I e II produzidos no Centro de Formação Tereza Verzeri no ano de 2017/2018 para alcançá-los e os resultados principais da análise, que se constatou

que o processo de reflexão se tornou efetivos, mediante aos esclarecimentos do tema tratado no trabalho. Com as respostas da pesquisa realizada com crianças e adolescentes no projeto de intervenção do Estágio Supervisionado em Serviço Social II, foi possível fazer a análise de que a maioria deles/as sofre ou já sofreram com o *bullying*, principalmente com os apelidos por conta de sua forma física ou por conta da situação financeira de sua família.

O que chama mais a atenção que crianças e principalmente adolescentes acham que todos devem ter uma aparência só, e isso é um preconceito que vem de dentro da própria casa da criança e adolescente. Assim foi possível perceber e entender que é muito importante que os adultos, como os pais, avós, irmãos, tios e até mesmo os vizinhos tenham conhecimento do *bullying* e saibam como lidar com essa situação, e se for uma situação grave que denunciem, para ajudar a criança ou adolescente. Pois como diz o Estatuto da Criança e do/da Adolescente toda a criança e adolescente tem direito a segurança e com isso de saber que pode denunciar qualquer tipo de violência que venha ser cometido contra ela, e por também por qualquer outra pessoa pode ser feita a denúncia.

Para finalizar entende-se que o trabalho foi eficaz, por que cumpriu de forma satisfatória o objetivo geral e os específicos do trabalho de conclusão de curso, em suas ações, e também que o trabalho poderá servir para pesquisa de novos trabalhos futuramente.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABOLINSH, Alexander. BULLYING NAS ESCOLAS. **Direito & Realidade**, v. 6, n. 5, p. 27-40. 2018.
- ABRANCHES Cecy Dunshee; ASSIS, Simone Gonçalves. A (in) visibilidade da **violência psicológica na infância e adolescência no contexto familiar**. **Caderno de Saúde Pública**, v. 27, n. 5, p. 843-854. 2011.
- ALVES, Giovanni. **Dimensões da Reestruturação Produtiva**: ensaios de sociologia do trabalho. 2 ed. – Londrina: Praxis; Bauru: Canal 6, 2007.
- ALMEIDA NETO, Honor de. **Trabalho infantil na terceira revolução industrial / Honor de Almeida Neto**. – Porto Alegre : EDIPUCRS, 2007.
- ARAÚJO. Maria de Fátima. Violência e abuso sexual na família. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v.7, n. 2, p. 2-11. 2002.
- BANDEIRA, Cláudia Moraes; Hutz, Claudio Simon. As implicações do bullying na auto estima de adolescentes. **Revista semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, v. 14, n. 1, p. 131-138. 2010.
- BARBOSA, Rita Cristiana. **BULLYING**: uma naturalização de difícil convivência. [S./l.: s/n], c2019, 18p.
- BAUER, Florence; KLAUS, Michael; CHOPITEA, Liliana. Pobreza na infância e na adolescência publicações. UNICEF. Disponível em: <[https://www.unicef.org/brazil/pt/pobreza\\_infancia\\_adolescencia.pdf](https://www.unicef.org/brazil/pt/pobreza_infancia_adolescencia.pdf)>. Acesso em 10 de maio de 2019.
- BEANE, Allan. **Proteja seu filho do bullying**: impeça que ele maltrate os colegas, ou seja, maltratado por eles. Tradução: Débora Guimarães Isidoro. Rio de Janeiro: Ed. BestSeller, 2010.
- BEHRING, Elaine Rossetti; BOSCHETTI, Ivanete. **Política Social**: fundamentos e história. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2007.
- BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2005.
- BRASIL. **Balanco Anual Ouvidoria Disque 100**. Ministério dos Direitos Humanos. Brasília. 2017.
- BRASIL. **Lei 8.069, 13 de julho de 1990**. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 16 jul 1990.
- BRASIL. **LEI Nº 8.662, DE 7 DE JUNHO DE 1993**. Dispõe sobre a profissão de Assistente Social e dá outras providências. Diário Oficial



da União, DF, 08 jun. 1993. Disponível em <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/L8662.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8662.htm)>.

BRASIL. **LEI Nº 10.836, DE 9 DE JANEIRO DE 2004.** Cria o Programa Bolsa Família e dá outras providências. Diário Oficial da União, DF, 09 jan. 2004. Disponível em <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Ato2004-2006/2004/Lei/L10.836.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Ato2004-2006/2004/Lei/L10.836.htm)>

BRASIL. **Política Nacional de Assistência Social.** Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome: Secretaria Nacional de Assistência Social, Brasília, 2004.

CARPENTER, Deborah; FERGUSON, Christopher J. **Cuidado! Proteja seus filhos dos bullies.** São Paulo: Butterfly, 2011.

CÉLIA, Salvador. MALTRATO E NEGLIGÊNCIA: intervenção a nível preventivo. In: LIPPI, J. R. **ABUSO E NEGLIGÊNCIA NA INFÂNCIA:** prevenção e direitos. Rio de Janeiro: Científica Nacional, 1990.

CHALITA, Gabriel. Bullying, o crime do desamor. **Revista Profissão Mestre**, v. 9, n. 99, p. 07-27. 2007.

CONSELHO FEDERAL DE SERVIÇO SOCIAL (CFESS). **Código de Ética Profissional dos Assistentes Sociais.** Resolução CFSS nº273/93, de 13 de março de 1993. Institui o Código de Ética Profissional dos Assistentes Sociais e dá outras providências. Brasília, 1993.

COUTINHO; RIBEIRO; BARRETO. Ângela Araujo; Mirian dos Santos; Valdineide Barauna. Serviço Social e família: as contribuições da atuação profissional do Serviço Social para a efetivação da participação familiar no acompanhamento educativo. In: SILVA, Marcela Mary José (org). **Serviço Social na Educação:** teoria e prática. Campinas: Papel Social, 2012.

FALEIROS, Eva Silveira; FALEIROS, Vicente de Paula. **ESCOLA QUE PROTEGE:** Enfrentando a violência contra crianças e adolescentes. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2007.

FANTE, Cléo. **Fenômeno bullying:** Como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. Porto Alegre: Editora Verus, 2005.

FANTE, Cléo. PEDRA, José Augusto. **Bullying escolar:** perguntas e respostas. Porto Alegre: Artmed, 2008.

FAVERP, Talita Neoti. **Bullying e aprendizagem:** desafios e possibilidades no ambiente escolar. 2009. 48 f. Trabalho de Conclusão de Curso em Pedagogia. Universidade do Extremo Sul de Santa Catarina, Criciúma – SC.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 5 Ed, São Paulo: Atlas, 2007.

GUERRA, Viviane Nogueira de Azevedo. **Violência de pais contra filhos: a tragédia revisitada**. 3.ed. São Paulo: Cortez, 1998.

GUERRA, Viviane Nogueira de Azevedo. **Violência de pais contra filhos: a tragédia revisitada**. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2001.

IAMAMOTO, Marilda Villela. **O Serviço Social na Contemporaneidade: trabalho e formação profissional**. 19 ed. São Paulo, Cortez, 2010.

IAMAMOTO, Marilda Villela. **O Serviço Social na Contemporaneidade: trabalho na formação profissional**. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Dados sobre a violência no ambiente escolar**. 2012. Disponível em <<https://www.ibge.gov.br/2012>>. Acesso em 25 de mai. 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Dados sobre a violência no ambiente escolar**. 2017. Disponível em <<https://www.ibge.gov.br/2012>>. Acesso em 30 de mai. 2019

Martins, Maria José D.. O problema da violência escolar: uma clarificação e diferenciação de vários conceitos relacionados. **Revista Portuguesa de Educação**, v. 18, n. 1, p- 93-115, 2005.

MEES, Lúcia Alves. **Abuso sexual, trauma infantil e fantasias femininas**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2001.

MEZZELA, Rita. **O que é bullying?** Construir Notícias. 2008. Disponível em: <<https://www.construirnoticias.com.br/bullying-na-escola-uma-ameaca-a-dignidade-humana/>>. Acesso em 30 de maio de 2019.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 7. ed. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Abrasco, 2000.

MONTEIRO, Simone Rocha da Rocha Pires. **O marco conceitual da vulnerabilidade social**. 2011.

NETTO. José Paulo. Cinco notas a propósito da “questão social”. **Temporalis: Revista da Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social**, n. 50, jan-jun. 2001.

NOVELLO, Fernanda Parolari. **Psicologia da adolescência: o despertar para a vida**. 8 ed. São Paulo: Paulinas, 2009.

ORTIZ, Rodrigo Rodrigues. **Análise Institucional Centro de Formação Tereza Verzele**. 2015. Universidade Federal do Pampa, São Borja – RS.

PEREIRA, Beatriz Ferreira Leite de Oliveira. **Para uma escola sem violência: estudo e prevenção das práticas agressivas entre crianças**. 2ª ed. Lisboa, Portugal: Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2008.

PERUHYPE, Rarianne Carvalho; HALBOTH, Nádia Verônica; ALVES, Paula Aryane Brito. Uso da Violência Doméstica como prática educativa: conhecendo a realidade em Diamantina- MG/Brasil. **Textos & Contextos**, v. 10, n. 1, p. 170 - 178, jan-jul. 2011.

PIGOZI, Pamela Lamarca; MACHADO, Ana Lúcia. **Bullying** na adolescência: visão panorâmica no Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 20, n. 11, p. 3509-3522. 2015.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa Social: métodos e técnicas**. 3.ed. São Paulo: Atlas, 2008.

RODRIGUES, Lucas de Oliveira. **Cyberbullying**. Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/cyberbullying.htm>. Acesso em 10 de maio de 2019.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero. **Cadernos Pagu**, v. 16, p. 115-136. 2001.

SANTOS, Angela Nenê dos. **Relatório Final de Estágio Supervisionado II**. 2018. Universidade Federal do Pampa, São Borja- RS.

SANTOS, Cláudia Mônica. A dimensão técnico-operativa e os instrumentos e técnicas no Serviço Social. **Revista Conexão Geraes**, v. 3, n. 2. 2013.

SILVA, Anne Heracléia Brito e Silva; Laiane de Sousa Araújo. BULLYING: UMA EXPRESSÃO DA QUESTÃO SOCIAL. **Serviço Social e Realidade**, v. 24, n. 2, p. 127-142. 2015.

SILVA, José Fernando Siqueira da. **Violência e Serviço Social: notas críticas**. Rev. katálysis v.11 n.2 Florianópolis jul./dez. 2008. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-49802008000200012> acessado em 09/07/2019.

SOUTO, Daniella Fagundes Souto. Violência contra crianças e adolescentes: perfil e tendências decorrentes da Lei nº 13.010. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 71, p. 1313-1323. 2018.

TÜRCK, Maria da Graça Maurer Gomes. **Serviço Social: metodologia da Prática Dialética**. Porto Alegre: Graturck, 2012.

VILELA, Laurez Ferreira. **Enfrentando a violência na Rede de Saúde Pública do Distrito Federal**. BRASÍLIA: Secretaria de Estado de Saúde do Distrito Federal, 2005.

XAVIER, Aline. 8 tipos de preconceitos que já deveriam ter sido exterminados há muito tempo. Superela. 2015. Disponível em <<http://superela.com/2015/03/19/8-tipos-de-preconceito-que-ja-deveriam-ter-sido-exterminados-ha-muito-tempo/>>. Acesso em 30 de maio de 2019.

XAVIER, Glória. **Abandono de crianças corresponde a 40% das denúncias de violência.** G1. 2012. Disponível em <<http://g1.globo.com/jornal-hoje/noticia/2012/05/abandono-de-criancas-corresponde-40-das-denuncias-de-violencia.html>>. Acesso em 03 de junho de 2019.